

A VERDADE ESTÁ LÁ FORA

Novelização de **Les Martin**

baseada na série de TV

ARQUIVO X

Criado por **Chris Carter**

Adaptação do roteiro
de **Chris Carter**



2

QUANDO A NOITE CAI

Capítulo 1

Uma densa neblina matinal encobria a floresta. Curvava como fumaça cinzenta ao redor dos espessos troncos de pinheiros, de dezenas de metros de altura. Girava ao redor dos arbustos e espinheiros da mata. E cobria o tapete de agulhas de pinheiros espalhadas pelo chão da floresta.

A mata encoberta por esse véu branco estava tão silenciosa quanto a morte. O único som era o coaxar de uma rã solitária.

Poderia ter sido uma cena ocorrida centenas e centenas de anos antes, quando as árvores não passavam de brotos. Quando apenas os nativos norte-americanos viviam naquela região da costa do Pacífico.

Isso foi antes de chegarem os forasteiros de pele branca, e de terem transformado aquela região em território dos Estados Unidos, dando a ela o nome do seu primeiro presidente. O estado de Washington.

Agora, na década de 90, novos forasteiros haviam

chegado à floresta. Homens que tiravam dela o seu sustento: lenhadores. Havia aberto uma clareira, demarcada com os troncos das árvores que haviam derrubado.

Eram trinta deles, todos tão fortes e resistentes quanto o ferro e o aço de seus machados e suas moto-serras. Homens acostumados a enfrentar qualquer desafio e perigo que aparecesse na mata.

E agora todos eles tremiam como varas verdes.

Jack Dyer era o homem que tinham como líder. Sua voz retumbou através da neblina:

— Esta coisa pode matar a todos nós!

Um lenhador grandalhão e gordo, chamado Bob Perkins, respondeu:

— Bem que eu disse que a gente devia ter caído fora daqui dois dias atrás! Mas, não! Você não quis me ouvir! Dyer, lembra-se do que você me chamou? Covarde! E agora, quem é o covardão aqui?

Dyer aproximou-se de Perkins, e os dois ficaram cara a cara. As mãos calejadas formavam punhos poderosos. Mas Dyer mudou de atitude, e disse:

— Não vejo razão para brigar. Temos problemas maiores a resolver. Ah, se eu pudesse agarrar essa coisa eu... — Sua mão se abriu e fechou, segurando apenas o ar.

Perkins ainda estava zangado e continuou sua provocação:

— Ainda fazendo papel de machão, hein? Do mesmo jeito que fazia dois dias atrás.

— Ninguém sabia do que se tratava há dois dias, Perkins — disse Dyer. E balançou a cabeça. — Na verdade, até agora ninguém sabe.

— Alguém tem de ir buscar ajuda — disse Perkins.

A idéia provocou murmúrios e risadas entre os outros lenhadores.

Dyer falou por todos eles.

— E aqueles que ficarem aqui? O que vão ficar fazendo? Esperando pela chegada do socorro?

— Temos de nos arriscar — disse Perkins. — Um de nós deve sair daqui, para termos alguma chance.

— Quem sair daqui talvez não consiga chegar a tempo. Pode também não conseguir chegar à estrada antes de cair a noite. E daí, o que vai fazer? — perguntou Dyer.

Perkins não respondeu, e nem precisava, porque sabiam O que acontece com uma pessoa que está na floresta quando anoitece.

Dyer voltou-se para os outros:

— Acho que devemos tentar fugir. Vamos nos separar e procurar cair fora daqui.

Perkins chegou a abrir a boca para discordar.

Mas, antes que pudesse fazê-lo, outro lenhador gritou:

— E nossa última chance!

— Não quero mais passar a noite aqui! — gritou outro.

— Então, cada um por si! Ou nadamos ou morremos afogados — disse outro.

Perkins fez uma última tentativa:

— Mas é suicídio. Você sabe disso tão bem quanto eu, Dyer!

— Pois bem. Então você fica aqui esta noite e depois nos conta o que aconteceu.

Dyer já estava tirando o pesado cinturão que usava para subir em árvores.

Ao redor dele os outros fizeram o mesmo.

Ninguém queria carregar peso, para poder correr mais ligeiro. Aquilo era uma corrida. Uma corrida através da floresta, contra o sol, que se movia por cima das árvores altas. Uma corrida contra o anoitecer.

No final daquela tarde, Dyer ainda estava correndo, ou pelo menos tentando. Tinha alguns pontos nas costelas, e

aquilo parecia uma agulha enorme, entrando fundo na carne. As pernas pesavam como duas pedras. Na boca, tinha gosto de metal. Cada golfada de ar que respirava machucava o peito. Mas a visão da claridade do dia, desaparecendo entre os galhos das árvores, era o bastante para que ele continuasse correndo.

Dyer gostaria de saber como os outros estavam indo. Achava que não deviam estar muito melhor do que ele. E agora desejava que todos estivessem juntos. Talvez fosse possível fugir mais depressa, fugindo juntos. Mas teriam mais medo. Ele nunca se sentira tão solitário e amedrontado na vida.

— Aaaaa! — gritou Dyer. E seu grito de dor ecoou pela floresta silenciosa.

Tinha tropeçado em um galho caído. Seu corpo tombou para a frente, mas o pé ficou preso na forquilha. Foi quase possível ouvir o tornozelo se quebrando.

Tentando evitar que as lágrimas de dor lhe chegassem aos olhos, livrou o pé preso. Com esforço, conseguiu sentar-se, desamarrou a bota. Com cuidado, tirou-a do pé.

— Está doendo muito? — perguntou uma voz.

Era Perkins que estava em pé ao seu lado, ofegante.

— Acho que está quebrado — respondeu Dyer.

— Ora, vamos — disse Perkins. — Você tem de se levantar, não temos muito tempo.

Dyer pôs a mão sobre o tornozelo e fez uma careta.

— Acho que não vou conseguir.

— Eu disse *vamos* — insistiu Perkins.

Colocou os braços embaixo dos ombros de Dyer. Com um gemido, ergueu o corpo pesado do lenhador.

— Ponha o braço sobre meus ombros e apóie-se em mim — ordenou Perkins. — Vamos sair daqui juntos.

— Obrigado — disse Dyer. — Mas por que está me ajudando? Eu sei o quanto me odeia.

— Esqueça. Talvez a gente tenha algumas diferenças,

mas pelo menos somos humanos. E agora os humanos devem ajudar-se mutuamente.

— Isso mesmo — disse Dyer. — Eu me lembro do que dizia o velho Ben Franklin. Aprendi nas aulas de História, quando era criança: "Temos de nos dependurar uns nos outros, ou seremos dependurados separadamente"¹. Só que aqui ninguém vai nos dependurar numa corda. Seria até bom se fôssemos enforcados.

— Está bem, chega de conversa — disse Perkins. — Está começando a escurecer.

E voltaram a caminhar, porém agora não podiam ir muito depressa. Três pernas não eram suficientes para dois homens, e iam cambaleando como um brinquedo mecânico com peças faltando.

— Quantos quilômetros ainda acha que faltam? — resmungou Dyer.

— Não tenho a mínima idéia — respondeu Perkins. — Seria bom se houvesse sinalização por aqui.

— Ouviu isso? — perguntou Dyer, e parou, para escutar um zumbido distante.

— São insetos. Apenas insetos — respondeu Perkins. — Eles todos saem no escuro.

— E já está escuro, não é mesmo? — disse Dyer. Estava congelado como uma estátua. — Não vamos conseguir fugir.

O zumbido foi ficando mais intenso, chegando mais perto.

— Acho que o velho Ben estava errado — disse Dyer. — "Ficamos dependurados juntos, e morreremos juntos".

— Não! — gritou Perkins. — Não vamos nos entregar!

E pôs Dyer para a frente, quase arrastando o companheiro.

I. *We must all hang together, or, most assuredly, we shall all hang separately.* Frase de Benjamin Franklin (1706-1790), um dos autores de Declaração de Independência dos EUA, em suas **Observações (Remark)** em 4 de julho de 1776. (N.E.)

Mas o zumbido estava ao redor deles agora, e toda a floresta à volta dos dois estava se iluminando.

Perkins olhou para cima. No meio das copas das árvores havia desaparecido a escuridão, substituída por uma deslumbrante nuvem de uma luz esverdeada. Perkins curvou-se para a frente, o que fez Dyer perder seu apoio.

Ele ficou de joelhos, e Perkins colocou-se sobre o companheiro, tentando protegê-lo, enquanto a ofuscante luz descia na direção dos dois homens.

O zumbido tornou-se ensurdecedor.

Fez desaparecer todos os outros sons que emanavam da floresta.

Os pavorosos gritos de Perkins também foram abafados.

Capítulo 2

É a hora da verdade, Scully — disse o agente do FBI, Fox Mulder. — Vamos à minha sala. — Foi isso o que disse a aranha para a mosca — respondeu a agente do FBI, Dana Scully. Ela acabou de comer o último bocado de sua rosquinha, e tomou o último gole de café. Aí deixou com Mulder a cantina localizada no porão do prédio-sede do Bureau. Foram pelo corredor que levava à sala dele.

Scully procurou preparar-se para o que a esperava, pois já era capaz de reconhecer o brilho estranho nos olhos de Mulder. Ele devia ter encontrado algum caso que despertara seu interesse particular, um caso que pertencia ao Arquivo X, ou seja, um dos casos que ninguém no Bureau iria querer tocar. Ninguém, exceto Mulder.

O Arquivo X era formado de casos que a alta cúpula do FBI considerava estranhos, misteriosos, fantásticos... em outras palavras, malucos. Se dependesse deles, trancariam de uma vez por todas o Arquivo X e jogariam a chave fora. Mas Mulder insistia em mantê-lo aberto.

Para a chefia do FBI isso já era ruim o bastante. Pior ainda era o fato de Mulder ser dotado de um brilhante currículo, não podendo portanto ser considerado como um simples maluco. Seus chefes tinham de encontrar outro meio para se livrar dele. E encontraram: colocaram Scully como sua parceira.

Dana tinha as qualificações necessárias para o trabalho, pois não era apenas médica, mas cientista também. Tinha todos os conhecimentos e a experiência necessária para examinar as teorias de Mulder sobre alienígenas desconhecidos, que estariam espalhando a destruição pela Terra.

Além disso, era dotada de muito bom senso. O suficiente para impedir que Mulder saísse de órbita. Em último caso, ela estaria sempre a seu lado para controlá-lo. Os chefões lhe tinham dito para soar o alarme assim que Mulder começasse a agir com a mesma loucura dos casos que tanto apreciava. Só que Scully já não estava mais seguindo essas ordens. Já trabalhara bastante tempo e suficientemente duro ao lado de Mulder para ver as coisas através dos olhos dele.

Mal conseguia acompanhar-lhe os passos. Pelo rabo dos olhos ela viu muitas cabeças virando na direção deles enquanto passavam, apressados. Sabia que as más línguas iriam começar a falar, que os outros agentes ficariam imaginando o que Mulder estaria preparando. Ela imaginava a mesma coisa, porque com Mulder ninguém sabia o que o próximo caso poderia trazer. Só precisava esperar para ver.

— Você precisa ver uma coisa — disse Mulder, quando entrou em sua sala. — Até você vai ficar impressionada, Scully.

Ela já estivera muitas vezes na sala de Mulder, mas ainda sentia calafrios ali.

Prateleiras cobriam todas as paredes, do piso ao teto e amontoados em todas elas havia pastas e mais pastas cheias de relatórios, documentos amarelados, recortes de jornais e revistas, disquetes de computador e todos os tipos de

publicações, desde textos científicos até livros de ficção científica.

Scully gostava das coisas arrumadinhas, em ordem, portanto aquela sala para ela representava um verdadeiro pesadelo. Não sabia como é que Mulder conseguia encontrar o que queria. Mas ele sempre dava um jeito.

Seu projetor de *slides* estava pronto e ligado, e a tela aberta.

— Preste atenção nisto — disse ele, quando a primeira foto apareceu na tela.

Era uma foto simples, amadora, meio fora de foco, mostrando um grupo de uns trinta homens. O equipamento que portavam parecia bastante usado. A maioria dos homens tinha barba comprida e muitos deles levavam um machado nas costas. Na frente deles, o tronco de uma enorme árvore caída. Atrás, uma floresta de árvores muito altas.

— Lenhadores, certo? — perguntou Scully.

— Acaba de ganhar um doce — disse Mulder. — Quer tentar ganhar um bolo agora?

— Ora, vamos. Quem são eles? — perguntou Scully.

— Uma equipe de lenhadores que trabalhava em Washington — respondeu ele.

— Washington? Não sabia que havia árvores altas como essas por aqui.

— Não é na cidade de Washington — explicou Mulder.

O estado de Washington. Agora, diga: o que mais está vendo?

— Têm aparência de durões. São machos de verdade, conforme a expressão popular.

— Muito bom — disse Mulder. — E o que mais, além disso? Alguma coisa estranha? Extraordinária? Difícil de explicar?

Scully olhou com maior atenção e balançou a cabeça, dizendo:

— Desisto.

— Desiste — disse Mulder, balançando a cabeça. — Engraçado. Foi exatamente isso que disse o Serviço Florestal Federal.

— O quê? O que foi que aconteceu com eles?

Mulder apertou um botão e a foto desapareceu.

— Pois eles desapareceram no ar.

Ele projetou outra foto, só que nela havia apenas dois homens. Vestiam camisas de cores espalhafatosas, calças *jeans* bastante usadas e botas de cano longo. Barbas longas e desalinhadas e os cabelos de aparência suja. Um deles trazia os cabelos amarrados em rabo de cavalo; o outro, uma bandana amarrada na testa.

— Parece que estão indo para uma festa a caráter, com fantasia dos anos 60 — observou Scully. — Só faltam as calças boca-de-sino.

— Apresento Douglas Spinney e Steven Teague — disse Mulder. — O apelido deles é "Chaves de Cano", e são muito bons no que fazem.

— E o que é que fazem?

— Tudo que podem fazer para atrapalhar a vida dos lenhadores e prejudicar as serrarias. Uma das suas brincadeiras preferidas é enfiar pregos de ferro nos troncos das árvores para quebrar as moto-serras — explicou Mulder.

— São ecoterroristas — disse Scully. Como agente do FBI, ela conhecia aquele tipo de gente. Pessoas que dizem ser amantes da natureza, que estão lutando a favor do meio ambiente. Gente que acha certo prejudicar os outros em nome da ecologia. — Caras bonzinhos que só fazem maldade. É o pior tipo de gente que existe.

— Teague e Spinney são perversos mesmo — disse Mulder. — Há duas semanas tivemos as últimas notícias deles. Os lenhadores que você viu na primeira foto passaram uma mensagem via rádio, do meio da Floresta Nacional Olympic. Parece que Teague e Spinney ficaram loucos: colocaram

pregos em árvores, destruíram equipamento e tudo o mais. Uma semana depois, cessaram todas as comunicações por rádio.

— Alguém sabe por quê? — perguntou Scully.

— Não. A companhia madeireira que tinha contratado os homens pediu ao Serviço Florestal Federal que verificasse. Dois investigadores foram para a floresta há uma semana e nunca mais se teve notícias deles.

— Parece que os Chaves de Cano não estão brincando — disse Scully. — Agora estão jogando sério.

— E isso que a companhia madeireira está dizendo. E pediram ao Bureau para investigar. Tive de usar de toda a minha influência para ficarmos com o caso.

— Influência? Para conseguir um caso sobre ecoterroristas? — Scully estava confusa.

Então ela viu Mulder rir-se e se preparou para o pior. Perguntou:

— Posso perguntar por que você insiste tanto em querer este caso?

— Dê uma boa olhada nesta foto — pediu ele.

Um novo *slide* apareceu na tela. Mostrava mais lenhadores, homens fortes também, a diferença estava no equipamento que usavam; era mais antigo.

— Esta foto foi tirada em 1934, muito antes de a palavra ecoterrorista aparecer nos dicionários. Esta turma estava trabalhando para uma agência do governo, a WPA. Todos desapareceram na mesma floresta, sem deixar rastro algum. Nenhum deles foi encontrado nem deu mais notícia alguma.

— E quem você acha que foi o culpado? — perguntou Scully. — O Pé Grande, talvez?

— Duvido muito — respondeu Mulder, com uma expressão séria. — É muita coisa pra engolir. Mesmo para o Pé Grande.

Scully suspirou. Não devia ter feito uma brincadeira

sobre o Pé Grande. Para Mulder, o Pé Grande² não era motivo para brincadeira.

— Ora vamos, Scully — disse ele, sorridente. — O que poderia ser melhor do que um passeio à floresta? Aposto que você foi escoteira, quando criança.

Mulder estava certo, como sempre. Ela *fora* escoteira, nos seus tempos de criança. E tinha conquistado todas as medalhas.

Mas as medalhas não adiantavam muito agora. O território predileto de Mulder, as regiões desconhecidas do Arquivo X, não eram descritas pelo Manual dos Escoteiros...

2. Pé Grande (*Bigfoot*), chamado pelos índios da Columbia Britânica (Canadá) e Noroeste do Pacífico de *Sasquatch*, é personagem de inúmeras lendas. Teve o primeiro registro de suas supostas pegadas feito em 1811 pelo explorador David Thompson, que tentava alcançar a nascente do rio Columbia, atravessando as Montanhas Rochosas. A trilha que encontrou continha pegadas de 35,5cm de comprimento por 20,5cm. Outros indícios foram anunciados, incluindo pegadas de 44,5 por 17,5cm encontradas em 1969 no estado de Washington. (N.E.)

Capítulo 3

Eu me sinto como garota-propaganda, num comercial de TV— disse Scully a Mulder. Usava um par de *jeans*, blusa de flanela vermelha e botas para longas caminhadas. Tudo novinho em folha.

— Em Roma, faça como os romanos — disse Mulder. Estava vestido do mesmo modo, só que suas roupas já tinham sido usadas antes.

— Ainda se fosse em Roma, porém neste fim de mundo... — disse Scully. E olhou para fora da janela do carro que haviam alugado. A floresta fechada tomava conta dos dois lados da estrada. — Espero estar indo na direção certa, pois parece que não são muito de colocar placas por aqui.

Scully estava dirigindo, e era assim que preferia, porque Mulder só conhecia duas velocidades: rápido e mais rápido.

Naquele momento a própria Scully gostaria de poder ir mais depressa. Bem devagar, na frente deles, na estreita pista de asfalto, ia um grande caminhão carregado de troncos de madeira.

— Tudo bem — disse Mulder. — Esse caminhão vai

para o mesmo lugar que nós. Só tem uma serraria por aqui e espero que o cara do Serviço Florestal esteja lá. Disse que estaria nos esperando.

— Ele é amigo do pessoal da serraria? — perguntou Scully.

— Não sei se são amigos — respondeu Mulder, encolhendo os ombros. — Mas sei que se conhecem. Esta floresta pertence ao governo. O Serviço Florestal é quem diz às madeiras onde podem cortar e quanto.

Seguiram o caminhão quando entrou por uma estrada ainda mais estreita. Logo depois viram a serraria e sentiram seu cheiro.

— Fiiiu! Que cheiro horrível! — reclamou Scully, fechando a janela. — Sempre achei que pó de serra cheirava gostoso.

— E que eles usam muitos produtos químicos para o processamento da madeira — explicou Mulder. — Dizem que quem trabalha aqui durante muito tempo nem percebe mais o cheiro.

— Acho que a gente pode se acostumar com qualquer coisa — disse ela. — É como nos necrotérios. Já vi o pessoal jogando baralho em cima de cadáveres. E bem provável que as pessoas deste lugar já tenham esquecido o cheiro do ar puro.

— Não há muitas pessoas por aqui — explicou Mulder. — É por isso que instalam as serrarias no meio do mato, caso contrário teriam de enfrentar os manifestantes o tempo todo. E haveria pressões em favor de leis contra a poluição.

— Dá para entender esse tipo de ação em favor do meio ambiente — disse Scully, estacionando o carro na serraria.— Ecoprotesto, e não ecoterror.

Estacionou ao lado de uma picape de tração nas quatro rodas. Era um veículo especial para estradas ruins, com grandes pneus lameiros, guinchos, protetor de pára-choques,

uma tela diante do pára-brisa e o emblema do Serviço Florestal Federal pintado nas portas da frente.

Ao lado do veículo estava parado um homem alto e magro. Estava com um mapa aberto sobre o capô.

— Parece o nosso amigo — disse Scully.

— Oi! — disse Mulder ao homem da picafe. — Sou o agente Mulder. Esta é a agente Scully. Somos do FBI.

O homem olhou bem para os dois, examinou-os dos pés à cabeça.

— Têm alguma identificação? — perguntou ele.

Mulder mostrou uma credencial de identificação, com fotografia, e Scully fez o mesmo.

O homem examinou as fotos, tornou a olhar bem para os dois, e devolveu as credenciais. Só então estendeu a mão para cumprimentar Mulder e depois Scully. Seu aperto de mão parecia uma bigorna.

— Sou Larry Moore, do Serviço Florestal Federal — disse ele. — Podem colocar as coisas na parte de trás da picafe.

— O que é aquilo no pára-brisa? — perguntou Mulder — Buraco de bala?

— Calibre vinte e dois — respondeu Moore, começando a dobrar o mapa.

— E o que parece — disse Mulder. — Claro que não foi bala perdida de nenhum caçador. Não há muita coisa para caçar por estes lados, com esse tipo de munição. Exceto Freddie.

— Freddie? — perguntou Scully.

— Empregados do Serviço Florestal Federal — explicou Moore. — Esse foi o apelido que os ecoterroristas nos deram.

— Você acha que foram eles que atiraram no seu pára-brisa? — perguntou Mulder. — Tem algum problema com eles?

Moore olhou para Mulder com uma expressão séria e disse:

— E melhor esclarecer isto agora mesmo. Não tenho nada contra as coisas que essa gente diz que quer. Também quero salvar as florestas, só que sou contra os métodos que eles usam. Jamais poderá haver razão para causar danos, e muito menos para tirar vidas humanas. Isso é ilegal.

— Entendido — disse Scully. — Mas acha mesmo que eles chegariam ao ponto de matar?

— Há mais de trinta homens desaparecidos na floresta — disse Moore. — Todos com experiência de sobrevivência na floresta. *Alguma coisa* aconteceu a eles.

Uma camionete rural estacionou do outro lado da picape e dela desceu um homem alto e musculoso.

Ele levantou com facilidade um par de pesadas caixas que estavam no seu carro e as colocou na carroceria da picape. Aí apanhou duas grandes caixas de papelão do banco dianteiro. Scully olhou para ver o que era. Caixas de cartuchos para espingarda de dois canos.

— Finalmente — disse Moore. — Agora podemos começar a trabalhar.

— Desculpe a demora, Larry — disse o homem. — Fiquei conversando com a mulher de Bob Perkins. — Aí ele se voltou para Mulder e Scully e explicou: — Perkins é um dos lenhadores desaparecidos. — E se apresentou: — Sou Steve Humphreys, chefe da segurança da Madeireira Schiff-Immergut. Devem ser do FBI.

— Eu sou Mulder. Ela é Scully.

Humphreys assentiu com a cabeça. Entregou as caixas de munição a Moore, dizendo:

— Não desperdice estes cartuchos, porque algo me diz que vamos precisar deles logo mais.

— Talvez — disse Moore. E colocou as caixas na cabine da picape.

— Vamos andando — disse Humphreys. — Temos umas quatro horas de estrada à nossa frente.

Ele entrou na cabine da picape, com Moore.

Scully voltou-se para Mulder e disse:

— Tenho a impressão de que estamos entrando para a guerra. Uma guerra que já começou sem nós.

Capítulo 4

Scully sabia que, numa guerra, a primeira vítima era sempre a verdade³. E isso tornava ainda mais difícil obter os fatos relacionados com aquele caso. Não poderiam aceitar como a única verdade o que era dito por Moore e Humphreys. Teria de decidir por si mesma quem eram os mocinhos e quem eram os bandidos. E Mulder também.

Não demorou para que todos os sinais da civilização ficassem para trás. Deixaram o asfalto e entraram por uma estradinha revestida de cascalho, uma típica estrada de lenhadores. Larga o bastante para passar um caminhão de cada vez, e ia subindo pelas montanhas cobertas de florestas. Scully e Mulder viajavam apertados no banco da frente, entre Moore e Humphreys. Os dois agentes do FBI aproveitaram-se da longa viagem para começar a investigar. Já haviam trabalhado juntos o bastante para formarem uma boa parceria⁴.

3. *The first casualty when war comes is truth* — Hiram Johnson (1866-1945), discurso em 1917. (N.E.)

4. Este é o vigésimo episódio da série, portanto, Mulder e Scully já estão mais familiarizados um com o outro. (N.E.)

— Por que é que os lenhadores trabalham tão longe? — começou Scully.

— Porque é aqui que estão as árvores — respondeu Humphreys.

Scully olhou pela janela, e a única coisa que podia ver eram árvores. Desde que haviam partido da serraria ela só via árvores. E perguntou:

— Está brincando, não é mesmo?

— São aqueles ambientalistas — disse Humphreys —, eles se preocupam mais com as árvores do que com as pessoas. Conseguiram nos impedir de tocar em um só galho nesta área, nos obrigando a ir aos pontos mais remotos, para cortar as árvores. E mesmo naquela distância, temos de plantar uma muda para cada árvore que cortamos.

— Então por que acham que os ecoterroristas estão agindo contra vocês? — perguntou Mulder. — Parece que eles já conseguiram tudo o que queriam.

— Acontece que nunca estão satisfeitos — respondeu Humphreys. — Aqueles amantes de árvores não vão estar em paz até nos impedirem de cortar qualquer árvore no mundo. Até que a madeireira peça falência e os lenhadores todos se aposentem. — Ele balançou a cabeça e continuou: — O que me deixa louco é que eles não aparecem, para lutar como homens. São os mesmos que fugiram do alistamento, durante a Guerra do Vietnã⁵. São uns covardes e só agem com covardia. Eu gostaria de pôr minhas mãos neles e...

Bam! Bam! Duas explosões secas.

Como por instinto, Scully abaixou-se e cobriu o rosto com as mãos. Mas não havia balas, nem vidro estilhaçado. Em vez disso a picape mergulhou para a frente, como um potro

5 Durante a Guerra do Vietnã, os Estados Unidos ainda mantinham o serviço militar obrigatório. Pacifistas e outros manifestantes contra a presença americana na guerra recusavam o alistamento fugindo para o Canadá ou escrevendo ao governo americano. Nesta última categoria incluiu-se, por exemplo, o ator Harrison Ford que escreveu dizendo não poder ir para a guerra pois era casado e tinha filhos.

selvagem. Um instante depois, o veículo estava dançando de um lado para o outro.

— O que foi isso? — perguntou Scully, quando o agente florestal pisou forte nos freios.

— Pneus — respondeu Moore. Não parecia surpreso, só furioso.

Ele desceu assim que a picape parou, no que foi seguido pelos outros.

— Vou cuidar do lado esquerdo — disse Moore a Humphreys —, e você se vira com o outro lado.

Scully e Mulder ficaram atrás de Moore, quando ele se ajoelhou ao lado da roda dianteira. O pneu estava tão chato como uma panqueca, e de dentro dele o homem puxou um longo pedaço de metal, dizendo:

— Feito em casa, especialmente para estourar pneus.

— Estragou muito? — perguntou Scully.

— Rasgou toda a banda de rodagem. Não vai dar para consertar mais — explicou Moore.

— Tem um pneu de estepe, não tem? — perguntou Mulder.

Antes que Moore pudesse responder, Humphreys veio do outro lado, para anunciar:

— O outro pneu também já era.

Ele entregou a Mulder um pedaço de ferro dobrado, com quatro pontas afiadas em cada extremidade, e disse:

— Talvez queira colocar isto nos arquivos do FBI.

Mulder passou o objeto para Scully, dizendo:

— Uma ferramenta e tanto, não acha?

— Os Chaves de Cano usam isso por aqui. Espalham por todas as nossas estradas. Não se importam com quem passa por cima. É puro terrorismo. Nada mais.

Scully entregou a peça de ferro de volta para Humphreys.

— Imagine se alguém colocar uma coisa destas numa das vias expressas da cidade de Washington — disse ele. —

Gostaria de ver o que os legisladores fariam, e que tipo de apoio seria dado a esses malditos ambientalistas.

Antes que Humphreys pudesse falar mais, Scully mudou de assunto.

— E agora? Como vamos fazer para chegar ao acampamento dos lenhadores?

— Vamos do jeito antigo e de mais baixa tecnologia: caminhando.

— Bom, ouvi dizer que estas botas foram feitas para andar — disse Scully. E olhou para a frente, na estrada de cascalho, que subia pela montanha, serpenteando no meio da floresta. — Só espero que o vendedor tenha dito a verdade.

Horas mais tarde, era difícil saber se os pés de Scully estavam amaciando as botas... ou vice-versa. Queria que a mochila estivesse mais leve. Muito mais leve. E não entendia como Mulder ainda podia estar andando com tanta vontade. Decidiu que, no futuro, passaria a correr mais, para atingir os dez quilômetros que ele corria por dia, pois os cinco que ela fazia não estavam adiantando muito.

Dana suspirou aliviada quando viu um veículo estacionado ao lado da estrada.

— Até que enfim, sinal de vida! — disse ela.

— Sinal de alguma coisa, pelo menos — rebateu Moore.

— Que tipo de veículo é esse? — perguntou Mulder.

— Carregador — explicou Humphreys. — É usado para levantar os troncos até a carroceria dos caminhões.

— Mas não serve para nós agora — disse Moore. E apontou para o gigantesco pneu furado, e ainda preso nele estava outro daqueles ferros com pontas afiadas. — Vamos continuar. O acampamento não deve estar longe.

Dez minutos depois eles chegavam ao acampamento dos lenhadores. Dois enormes caminhões de transporte de toras de madeira e um pequeno trator apareceram primeiro. Depois

uma pequena cabana de madeira, e a pouca distância, um amontoado de barracas de lona de cor verde-oliva.

A porta aberta do caminhão balançava ao vento, com um rangido lúgubre.

— Há alguém aqui? — gritou Moore.

Não houve resposta.

Scully sentiu calafrios. E disse a Mulder:

— Parece uma cidade fantasma.

Mulder caminhou na direção da cabana, com Scully seguindo-o.

— Alguém se esqueceu de limpar o prato — comentou Mulder. Sobre a pequena mesa de refeições havia várias porções de comida, já coberta de bolor.

— Talvez estivessem cansados de comer feijão com salsichas e foram caçar ursos — brincou Scully. E olhou ao redor da cabana: cadeiras com pés para cima, sobre o assoalho grosseiro, e os beliches no quarto não estavam arrumados. — Parece que saíram daqui às pressas.

— E esqueceram de fazer as malas — disse Mulder, em pé ao lado da geladeira. A porta estava aberta. Ele enfiou a mão lá dentro e tirou um saquinho de plástico, cheio de pequenos botões de flor.

Scully deu uma olhada e perguntou:

— Alguma substância controlada?

Mulder cheirou um dos botões e balançou a cabeça, dizendo:

— Acho que os lenhadores têm o direito de encontrar um jeito de enfrentar as longas noites sem TV.

Ele correu o dedo pela parte de cima do saquinho plástico.

— Achou alguma coisa interessante? — perguntou Scully.

— É algum tipo de graxa — respondeu ele.

Ainda estava estudando a substância quando Humphreys entrou na cabana.

— Descobriram alguma coisa? — perguntou Humphreys?
— Artigos para festas — respondeu Mulder. — E você?
— Os veículos foram todos destruídos — respondeu Humphreys. — O gerador de força também.

— Quer dizer que alguém realmente fez uma farra por aqui — disse Scully.

— E parece que não queria que ninguém ficasse sabendo — disse Humphreys, mostrando o que antes tinha sido um aparelho de rádio-comunicação. Estava em pedaços.

— Vamos ver o que Moore está fazendo — sugeriu Mulder.

Encontraram-no junto a um dos caminhões. Tinha levantado o capô e tirado a tampa do radiador.

— O radiador está cheio de arroz — disse Moore. — Nos outros também. E tinha areia e açúcar no cárter de todos eles. Parece que nossos amigos fizeram um trabalho completo.

— Imagino o que mais eles devem ter feito — disse Mulder.

— Não há muito mais tempo para descobrir hoje — disse Humphreys, olhando para o relógio. — O sol vai se pôr dentro de uma hora e meia.

— Vou dar mais uma olhada por aí antes que escureça — disse Moore.

— Isso mesmo — respondeu Humphreys —, vou ver se consigo fazer o gerador funcionar.

Quando os dois se afastaram, Scully olhou dentro do radiador. Moore estava certo. Havia pelotas de arroz no meio da água. Ela retirou alguns grãos com as pontas dos dedos.

— Bem, pelo menos você tem razão a respeito de uma coisa — disse ela a Mulder.

— Sobre o quê?

— Tá na cara que não foi o Pé Grande.

Capítulo 5

Mulder deu uma olhada pelo acampamento, e voltou dizendo:
— Não sabemos direito *o que* foi feito. Menos ainda *quem* foi o responsável.

— É verdade. É o mesmo que estar no cemitério sem nenhum cadáver — disse Scully. E informou: — Aí vem Moore. Talvez tenha descoberto alguma coisa.

— Nada aqui — anunciou o agente do Serviço Florestal.
— Nada que funcione ou respire. Aqueles Chaves de Cano fizeram um trabalho completo mesmo.

— Ainda não temos provas disso — afirmou Mulder.

— E precisamos de provas para poder acusar — concordou Scully.

— Ainda temos uma hora de luz natural — disse Moore.
— É tempo suficiente para uma investigação da floresta ao redor do acampamento. Talvez se possa descobrir alguma coisa.

— Boa idéia — disse Scully —, quanto mais depressa

resolvermos este caso e cairmos fora daqui, melhor. Confesso que este lugar me dá arrepios.

— Arrepios? — disse Mulder, rindo. — Só porque uma turma de homens grandes e fortes se mandou daqui tão depressa que não deu tempo nem de acabar de comer? E porque todos desapareceram sem deixar rasto? Não seja boba. Tenho certeza de que há uma explicação científica para tudo. Oh, desculpe, Scully. Era você que devia me dizer isso, certo?

Scully fez uma careta. Mulder adorava provocá-la, repetindo o que ela dissera uma vez: que há uma explicação científica para tudo. Aconteceu na primeira vez em que se encontraram, antes de terem investigado o primeiro caso juntos. Parecia ter sido há séculos! Ela ainda permanecia fiel à ciência, porém esta fidelidade estava sendo diluída pouco a pouco, golpe a golpe⁶.

Tudo que ela conseguiu dizer foi:

— Veremos, Mulder. Veremos. — E mudou de assunto.
— Acha que Humphreys vai querer ir conosco?

Moore respondeu:

— Ele quer mexer no equipamento, para ver se consegue consertar alguma coisa. — Virou-se na direção das árvores e convidou: — Então, vamos?

Scully e Mulder acompanharam Moore para a floresta. Foi uma caminhada bastante lenta, até que alcançaram uma clareira. De repente, o céu do final da tarde abriu-se acima deles.

Havia tocos por toda a clareira. E tocos verdes. Alguns dos troncos de pinheiro ainda estavam nos lugares onde haviam caído.

6. O comentário de Scully, no episódio-piloto da série (no livro *A verdade está lá fora*) estabelece os pontos de vista opostos dos dois personagens quando Mulder mostra à Scully *slides* de adolescentes mortos no Oregon, acreditando tratar-se de casos de sequestros por alienígenas. Scully, por sua vez, alega que tudo tem uma explicação científica, e que a autópsia não deve ter sido bem feita (N.E.)

— Os homens estiveram trabalhando duro... até o último instante — comentou Moore.

— Trabalhadores são como as abelhas — concordou Mulder. Então ele parou. Estava olhando para um enorme pinheiro, à beira da clareira. — Falando de abelhas, existem muitas delas nesta parte da floresta?

— Não há muitas — informou Moore. — Por quê?

Mulder apontou para um dos galhos do pinheiro, onde havia algo dependurado que lembrava um saco de juta. Mas aqueles fios sujos não eram feitos de pano.

— Poderia ser uma colméia — disse Moore, coçando a cabeça —, ou algum tipo de casulo.

— Uma colméia? — perguntou Mulder. — Casulo? De que tipo?

Moore balançou a cabeça e respondeu:

— Não posso dizer com certeza, porque nunca vi nada parecido com aquilo.

— Acho que dá para ver alguma coisa lá dentro — disse Scully. — Estão vendo aquela sombra escura?

— E difícil ver daqui — disse Moore, forçando a vista.

— Vamos ter de investigar — disse Mulder. — Que tal, Scully? Quer tentar? Afinal, você é que é a cientista por aqui.

Para Scully só havia uma forma de reagir ao desafio. Então, ela disse:

— Eu adoraria. Só temos de achar um jeito de eu chegar lá.

— Não vai ser difícil — disse Moore, apanhando uma corda que havia na sua mochila. — Podemos fazer um laço para você. Aí atiramos a corda até aquele galho, puxamos você para cima. Então pode derrubar aquela coisa. Mulder tem razão. Você é a pessoa indicada para esse trabalho. Também é a mais leve. O galho vai suportar bem o seu peso.

— Como sempre, mulheres e crianças primeiro — disse Scully. — Pois bem, estava esperando por uma chance de experimentar esta nova faca de caçador.

Ela bateu com a mão na faca nova, na nova bainha, presa ao cinturão novinho.

O laço que Moore fez na corda era grosseiro, mas deu resultado. Passava ao redor da cintura de Scully. Moore conseguiu atirar a outra ponta da corda por cima do galho na terceira tentativa. Ele e Mulder puxaram, e Scully subiu.

Ela achou até divertido, mas o seu sorriso desapareceu logo. O saco estava chegando cada vez mais perto e, quanto mais perto, mais ameaçador lhe parecia. Os sujos fios cinzentos tinham algum tipo de graxa ou muco que reluzia no ar. De fato, parecia ser um casulo. Porém, Scully preferia nem imaginar que tipo de criatura poderia ter feito aquilo.

— Dá para alcançar? — perguntou Mulder, lá de baixo.

— Puxem mais um pouco! — respondeu ela.

Mais um puxão e o saco ficou ao alcance da lâmina de sua faca. Ela estendeu o braço o mais que pôde, e começou a cortar, no ponto em que o casulo estava preso ao galho.

Então refreou sua mão.

E ela sentiu o estômago revirar.

Alguma coisa apareceu no buraco que ela acabara de abrir no saco.

Os ossos de um dedo humano.

— Está vendo alguma coisa? — gritou Mulder.

— Sim, estou! — gritou ela, com muita dificuldade.

— O que é? — perguntou Mulder.

— Deixe eu dar uma boa olhada — respondeu ela.

Scully sentiu um puxão na corda.

E aproximou-se da abertura.

Fechou um dos olhos e, com o outro, olhou para dentro do casulo.

Olhando de volta para ela havia um par de globos oculares vazios. Ela estava frente a frente com uma caveira.

— Então, o que está vendo? — gritou Mulder.

— Olhe você mesmo! — gritou ela de volta. E acabou de

cortar o casulo, que caiu ao chão, perto dos pés dos dois homens.

Mulder e Moore não perderam tempo em baixar Scully da árvore, e voltaram a atenção para o casulo. Quando ela conseguiu se livrar do laço, Moore já havia aberto o casulo ao meio.

— Oh, meu Deus! — exclamou Scully, olhando para baixo.

Dentro casulo havia um corpo. Era do tamanho de um bebê, quando está em posição fetal dentro do útero da mãe. Mas só que não era um bebê, havia murchado e encolhido, estava quase mumificado.

Mas que tipo de criatura tinha sido, quando viva? E quanto tempo fazia que estava ali?

— É hora de ir trabalhar, Scully — disse Mulder. — Parece ser o tipo de coisa que só você sabe fazer.

Scully rangeu os dentes, forçando a lembrar-se a si mesma de que era uma cientista formada, também médica. Aquilo não passava de outro trabalho. Ela estendeu a mão e tocou naquela coisa.

— Está duro e seco — anunciou ela. Queria sentir-se tão calma quanto sua voz demonstrava. — E como se tivesse sido posto em conserva.

— Ou embalsamado — sugeriu Moore.

— Não. E como se os líquidos todos tivessem sido extraídos do corpo — observou Scully. — Parece que foi... defumado. — Ela olhou bem para o corpo. — É do sexo masculino, eu acho.

Enquanto isso, Moore examinava o casulo.

— Eu diria que é algum tipo de ninho de aranha — disse He. — Pelo menos é o casulo de algum inseto.

— E que tipo de inseto seria capaz de levar um homem lá para cima? — perguntou Scully.

Os três olharam para o galho de pinheiro, lá no alto.

Todos balançaram a cabeça.

Capítulo 6

No acampamento deserto, Humphreys assobiava enquanto trabalhava. Já estava quase acabando de consertar o gerador quebrado, o que o fazia sentir-se bem em fazer o melhor que podia pela Companhia Madeireira Schiff-Immergut.

Essa empresa tinha sido boa para Humphreys, pois lhe dera seu primeiro emprego, logo depois de formado, e, ao final do primeiro ano, tinha sido promovido. O trabalho lhe permitira pagar sua camionete, sua bela casa térrea e a faculdade para os dois filhos. Seu salário era suficiente para pagar todas as despesas médicas da família e a empresa ainda lhe proporcionaria uma aposentadoria confortável. Ele devia tudo à companhia madeireira, por isso, em troca, dava tudo o que podia.

Estava colocando uma nova vela de ignição no motor quando ouviu um barulho lá fora. Não foi um barulho muito alto, mas não era à toa que Humphreys era chefe da segurança. Tinha olhos de lince. Também era ágil como um gato.

Apanhou a espingarda e saiu do abrigo do gerador para ver quem era o intruso.

Humphreys não sabia se era um homem ou um urso que invadira o acampamento, mas também não importava. Acariciou a arma, ambos os canos estavam carregados.

Ele chegou na hora para ver a porta da cabana fechando atrás de alguém, ou alguma coisa. Engatilhou a espingarda. Levou-a ao ombro e chutou a porta.

Um homem alto e magro estava parado ao lado da mesa, de costas para a porta, ocupado demais para dar atenção ao barulho que Humphreys fez ao chutar a porta. Estava apanhando a comida embolorada com as duas mãos e enfiando goela abaixo.

— Parado! — gritou Humphreys. — Vire-se para mim, bem devagar, com as mãos levantadas.

O homem enfiou mais um pouco de comida na boca, então, sem muita pressa, obedeceu.

O rosto barbudo era emoldurado pelos cabelos longos, castanhos e sujos.

— Doug Spinney — rosnou Humphreys. — Eu devia atirar em você agora mesmo.

Imperturbável, Spinney olhou com um ar aborrecido para Humphreys e sua arma.

— Podia atirar em si mesmo também, Humphreys, amigo velho — disse ele. Sua voz estava tão desprovida de medo quanto o seu olhar.

— Não está em posição de me provocar — advertiu Humphreys. — Agora fale depressa, Spinney. Que diabo aconteceu com os meus homens?

— Que homens?

— Os que estavam trabalhando neste acampamento — respondeu Humphreys, lutando para não apertar o gatilho.

Spinney encolheu os ombros.

— Não sei o que aconteceu a eles, não sei direito. Mas acho que posso adivinhar.

— E o que acha que foi?

Humphreys levantou a arma, apontando os dois canos bem no meio dos olhos do outro.

Spinney olhou para os dois canos sem piscar, e disse:

— A mesma coisa que vai acontecer conosco, quando o sol sé esconder.

De repente, uma outra voz perguntou:

— O que está acontecendo aqui?

Era Mulder, em pé, na porta da cabana. Atrás dele estavam Scully e Moore.

Relutante, Humphreys abaixou a arma.

— Este animal é Doug Spinney — disse ele. — O homem que causou toda a destruição aqui. É um assassino. Gostaria realmente de fazê-lo pagar por seus crimes agora mesmo!

Bastou olhar para Spinney para que Scully o reconhecesse. Era um dos Chaves de Cano que vira nas fotos de Mulder, e ficou imaginando onde estaria escondido Teague, companheiro de Spinney.

— Não sou assassino! — protestou Spinney.

— Mentiroso! — rosnou Humphreys, levantando de novo a arma.

Mulder colocou a mão sobre a arma e a fez baixar.

— Somos investigadores, não um comitê de execução — disse ele a Humphreys. — Vamos ouvir o que o senhor Spinney tem a dizer.

— Se a gente ficar aqui conversando, logo não vai ter muita coisa para falar — disse Spinney. — Temos de colocar aquele gerador em funcionamento, porque aqui a escuridão é nossa inimiga.

— O que está dizendo? — perguntou Humphreys. — É bom parar com esse papo furado.

Spinney o ignorou.

— Algum de vocês pode me dar uma mão? — pediu ele.

Sem esperar por uma resposta, empurrou a arma de Humphreys para o lado e saiu porta afora.

Boquiaberto, Humphreys ficou ali olhando enquanto ele se afastava. Demorou alguns instantes até se recuperar e, agarrando a arma com força, foi para a porta.

Mulder fez um gesto com a mão, para que ele parasse.

— Mais devagar, Humphreys. Tenho a impressão de que ele sabe o que está fazendo.

— Ele? Fazer funcionar o gerador? — perguntou Humphreys com ironia na voz. — Ele só sabe arrebentar coisas, não fazê-las funcionar. Eu é que tive de apanhar as peças quebradas e tentar consertar o gerador.

— Mas ele parece ser o único que tem condição de montar este quebra-cabeças — disse Mulder. — Acho que devemos ajudar o homem.

E saiu pela porta, atrás de Spinney.

— O agente Mulder tem o estranho hábito de estar certo a respeito destas coisas — disse Scully, indo atrás dos dois.

Humphreys trocou olhares com Moore.

— É melhor acompanhar — disse o agente do Serviço Florestal. — Não devemos deixar Spinney sozinho com aqueles dois, porque ele é bom demais para convencer as pessoas com suas palavras estudadas. Especialmente gente da cidade, que não entende nada da vida aqui.

Quando os quatro chegaram ao lado de Spinney, ele estava segurando uma lata de vinte litros de combustível.

— Está pondo açúcar aí, Spinney? — perguntou Humphreys. — Ou será que decidiu pôr fogo no acampamento?

— Um conselho, Humphreys. Fique de boca fechada e olhos e ouvidos bem abertos! — disse Spinney.

Levou rapidamente a lata de combustível até o gerador. Os outros acompanharam, observando cada movimento que ele fazia.

— O que quis dizer quando falou que a escuridão é nossa inimiga? — perguntou Mulder.

Spinney começou a colocar a gasolina no tanque de combustível do gerador, e respondeu sem erguer os olhos:

— É à noite que eles vêm.

'— *Quem* vem? — perguntou Mulder.

Spinney terminou de colocar o combustível, pôs a lata no chão e fechou a tampa do tanque. Depois disse:

— Eles vêm do céu. Conseguem levantar um homem do chão e o devoram vivo. Eu já vi isso acontecer.

— Acontecer com quem? — perguntou Mulder.

Spinney ignorou a pergunta, agarrou a corda de partida do gerador e disse:

— Oh, Deus, espero que isto funcione! — e deu um puxão na corda, com toda a força.

Scully ficou olhando e percebeu que também estava desesperadamente ansiosa para ver o gerador funcionar.

Não sabia a razão, mas sentia que logo iria saber. Logo descobriria por que a luz, naquela floresta, parecia ser a coisa mais preciosa do mundo.

Capítulo 7

O motor virou uma vez, duas vezes, até entrar em funcionamento.

Scully correu os dedos pela testa e percebeu que estava transpirando bastante.

— Tenho de comer — anunciou Spinney. — Faz três dias que não como nada.

Sem dizer mais nada, ele rumou para a cabana.

Humphreys voltou-se para os outros:

— Quanta abobrinha este cara fala! Como se qualquer um de nós fosse acreditar em uma só palavra.

Os outros três ficaram em silêncio.

— Ei, o que há com vocês? — perguntou Humphreys.
— Eu estou dizendo: Spinney não contaria a verdade nem que sua vida dependesse disso.

— Encontramos uma coisa na floresta—informou Scully.

— O que foi? — perguntou Humphreys.

— O corpo de um homem que ficou preso em algum tipo de casulo de inseto — informou Moore.

— Um casulo? — perguntou Humphreys.
— Ou coisa parecida — disse Mulder.
— Nunca vi nada igual — admitiu Moore.
— Temos de descobrir exatamente o que é — disse Scully.

— Vamos ter de obter mais respostas do senhor Spinney — disse Mulder.

Scully olhou para a cabana e viu que as janelas brilhavam contra o pôr-do-sol.

— Bem, pelo menos sabemos que as luzes vão ficar acesas — comentou.

— E também sabemos que ele as acendeu assim que entrou na cabana — observou Mulder. — Estava com mais pressa de acender as luzes do que de comer.

Os quatro voltaram rapidamente para a cabana, onde encontraram Spinney abrindo latas de feijão com salsichas. Já havia engolido toda a comida embolorada que estava sobre a mesa.

Spinney levantou os olhos para o chefe de segurança, com um sorriso sarcástico, e perguntou:

— Está bronqueado, Humphreys, por eu estar devorando a comida da madeireira? Pois acredite, meu chapa: isto deve ser a menor das preocupações para a Companhia Schiff-Immergut nesta parte da floresta. Isto sem falar das *nossas* preocupações.

— Fale por si mesmo, Spinney — disse Humphreys. — Você é quem vai ter muito com que se preocupar.

— Quer dizer, quando voltarmos à civilização? — perguntou Spinney. — Não vejo isto como um problema agora. E voltou a encher a boca de feijão frio com salsichas. Mulder sentou-se na frente dele, e disse:

— Tenho algumas perguntas a lhe fazer, senhor Spinney.

— Vou fazer um bule de chá, quer um pouco? — ofereceu Scully. — Vai ser uma noite bastante comprida.

—E — disse Spinney, depois de engolir mais um bocadinho da comida—, as noites são longas por aqui. Muito longas mesmo.

Moore também se sentou à mesa, ao lado de Humphreys que colocou a espingarda sobre os joelhos e ficou observando com desconfiança cada movimento de Spinney.

—O que aconteceu com você aqui? — perguntou Mulder.

Spinney não teve pressa em responder. Terminou primeiro a lata de feijão com salsichas e depois abriu outra. Esfregou a boca com as costas da mão e arrotou bem alto. Depois disse:

—Estamos acampados num dos vales ali adiante. Éramos quatro, agora... depois de ontem à noite, somos três.

Humphreys cuspiu atingindo o chão bem perto dos pés de Spinney. Depois disse:

—Por isso é que as coisas cheiram tão mal por aqui. A floresta está infestada de gambás.

—Infestada mas é de coisas muito piores do que gambás. Pode acreditar — Spinney retrucou, e depois voltou-se para Mulder. — Nosso Jipe está com a bateria arriada. Tiramos a sorte para ver quem viria até aqui para roubar dos lenhadores uma que estivesse boa de carga.

Humphreys ia começar a dizer alguma coisa, quando Mulder o fez silenciar, com um olhar de reprovação.

—Por que vocês quatro simplesmente não foram saindo da floresta? — Mulder perguntou a Spinney.

—Demora mais de um dia para sair daqui — respondeu Spinney. — De jeito nenhum a gente vai querer ficar no meio da floresta durante a noite. Não depois do que aconteceu com Teague.

—Teague é o sujeito que foi... devorado vivo? — perguntou Scully, ao servir o chá a todos eles.

Spinney balançou a cabeça, lembrando do que tinha

acontecido. Empurrou para longe a lata de feijão com salsichas, tinha perdido o apetite.

— E o que era que vocês estavam fazendo por aqui? — continuou Mulder.

Spinney ergueu as sobrancelhas, fingindo inocência.

— Acampando, só isso!

— É sim, claro — disse Humphreys —, o tipo de acampamento que vocês fazem como crime federal.

— Ei, espere um pouco! — ameaçou Mulder.

Mas Moore ficou do lado de Humphreys.

— Ele tem razão — disse Moore a Mulder —, este homem é um criminoso, e bem que podia ser preso.

— Podia. E devia... — disse Humphreys.

Spinney e seus companheiros estavam com suas fotos em muitos cartazes de "Procura-se", para gastar seu fôlego tentando parecer inocente. Ao invés disso, partiu para o ataque.

— E vocês, Humphreys? — perguntou ele. — Que tal os crimes que vocês praticam contra a natureza?

— Nós operamos estritamente dentro da lei — respondeu Humphreys. — Nós pagamos pelo direito de tirar as árvores, e depois que tiramos, nós...

Spinney o interrompeu:

— Pois eu quero que você saiba, senhor Lei-e-Ordem. Os seus lenhadores estavam cortando árvores que ninguém tem o direito de cortar. Árvores com centenas, milhares de anos de idade. Árvores marcadas, e que são protegidas por lei. Só que a verdadeira lei aqui está cega. Ou talvez esteja olhando para o outro lado, de propósito, portanto, não me venha com esta conversinha de desobedecer a lei, *cavalheiro*.

Moore curvou-se para a frente e perguntou:

— Os lenhadores da Schiff-Immergut estavam cortando árvores marcadas?

— Claro que estavam! — garantiu Spinney. — Marcadas com tinta alaranjada, pelo seu próprio pessoal, a tinta oficial

de proteção das árvores. Ou será que estou dizendo bobagem, senhor Fiscal do Serviço Florestal? E será que o senhor não está mais interessado em dinheiro verde do que em espaço verde?

O rosto de Moore ficou corado. Ele virou-se para Humphreys:

— Árvores centenárias! Por acaso você sabe algo a respeito disso, Steve?

— Não. Claro que não — declarou Humphreys, mas Moore continuou olhando para ele, com olhar furioso. — Ei! Você vai acreditar *nele* ou em *mim*? — disse Humphreys, indignado.

Moore ficou calado, no entanto o seu silêncio foi bastante eloquente.

Um instante depois Humphreys levantou-se e rosnou:

— Não vou ficar parado aqui, ouvindo toda esta besteira!
— E foi pisando duro, na direção da porta.

Spinney recostou-se na cadeira e ficou observando, com um sorriso estranho nos lábios.

— É melhor não sair por aí, no meio da noite, Humphreys — advertiu ele. — Ouça o que eu lhe digo. Tem coisa lá fora!

Humphreys parou, com a mão na maçaneta da porta. Deu uma risadinha amarela e perguntou:

— O quê? Se eu sair por esta porta vou ser atacado por alguma coisa que vai me comer vivo? E depois vai enrolar meu corpo em um casulo?

O sorriso de Spinney abriu-se ainda mais.

— Isso mesmo — disse ele.

Humphreys também riu mais alto e teve de parar para recuperar o fôlego, antes de dizer:

— E eu acho que essa *coisa* é educada demais para vir aqui dentro me buscar.

— Por alguma razão ela tem medo da luz — disse Spinney.

— Tem *medo* da luz? — repetiu Humphreys, no meio de uma gargalhada.

Moore interrompeu sua risada.

— Talvez ele esteja dizendo a verdade, Steve.

Humphreys parou de rir e sua voz soou rouca e severa:

— Sabe o que eu acho? Eu acho que este homem é um mentiroso e um assassino, que também é suficientemente esperto para inventar uma história como esta. Até mesmo para fazer aquele tal de casulo, só para enganar as pessoas que querem cortar as árvores. E vou provar que estou certo.

Ele abriu a porta.

E saiu no meio da noite.

Estava com a espingarda engatilhada.

Spinney recostou-se na cadeira, e disse:

— Ninguém pode falar que eu não o avisei.

Mulder foi para a soleira da porta aberta para olhar para a escuridão. Scully o acompanhou, e os outros vieram atrás dela.

Scully ouviu uma série de zumbidos estranhos, sons agudos, tão rápidos como um piscar de olhos.

— O que foi isso? — perguntou ela, assustada.

— Uma luz para matar insetos — disse Mulder. E apontou para uma luz azulada, dependurada do lado de fora da cabana. — Atrai os insetos à noite, para depois fritá-los. Deve ter atraído um enxame inteiro desta vez.

— Há muitos insetos na floresta — disse Scully.

— Muitos insetos mesmo — concordou Spinney —, são todos parte do grande plano da natureza. Quando os matamos, nós prejudicamos o equilíbrio natural, do mesmo jeito que o resto das coisas que nós fazemos aqui.

Os barulhos pararam com a mesma rapidez com que tinham começado.

A noite voltou a se encher de silêncio.

Então eles ouviram a voz de Humphreys, zombando.

— Vamos, saia daí! Venha cá, onde quer que esteja!

Capítulo 8

Na manhã seguinte, Humphreys ainda estava provocando Spinney, quando todo o grupo estava sentado à mesa, para o café da manhã. Scully havia preparado café com cereais.

— Ei, Spinney — provocou Humphreys. — O lobisomem não me pegou, pegou? E o bicho-papão não me engoliu vivo, e também não consegui encontrar o lobo mau, não sei por quê.

— Sabe, Humphreys — disse Spinney, desgostoso —, eu vi muito homem metido a macho como você, no Vietnã. Eles saíam para patrulhar a floresta, durante a noite, e voltavam rindo do mesmo jeito. Achavam que era tudo fácil demais, porém sempre havia uma noite em que eles não voltavam. E nós tínhamos de sair procurando pela mata, para depois mandar seus corpos de volta para casa em caixões de chumbo.

— Você esteve no Vietnã? — perguntou Moore. O agente florestal parecia bastante surpreso. — Eu não sabia disso!

— Sim, estive — respondeu Spinney. — Idiota que fui. E estive entre os caras que derrubavam veneno no meio da

floresta. Você se lembra, o chamado "Agente Laranja"⁷. E eu vi o que aquilo fazia com as árvores e com as pessoas. Jurei que iria pagar pelo que fiz, que lutaria com todas as minhas forças contra a destruição da Mãe Natureza. Mesmo que tivesse de me meter em outra guerra para conseguir isso.

— Eu também estive no Vietnã — falou Moore. — E tenho orgulho do que fiz. Estive lá cumprindo com meu dever, fui servir a minha pátria, proteger o seu modo de vida. Preservar suas leis, do mesmo jeito que estou fazendo ainda hoje.

— Então continua servindo a sua pátria — disse Spinney.
— Que eu sirvo a minha.

— Mas só há uma pátria — disse Moore.

— É o que você diz — retrucou Spinney.

— É o que eu sei.

Scully ficou ouvindo a discussão dos dois homens. A Guerra do Vietnã tinha acabado muitos anos antes, quando ela ainda era apenas uma menina. Mas, para aqueles dois, a guerra ainda estava viva e, ao que parecia, era de que nunca terminaria para eles.

Mulder dava a impressão de estar pensando alto, quando disse:

— Vamos esquecer o Vietnã. Estamos numa guerra diferente hoje, contra um inimigo diferente. E estamos todos juntos nessa guerra, portanto, minha sugestão é que entremos na floresta, para ver se conseguimos alguma pista sobre os homens desaparecidos e descobrimos o que aconteceu com eles! De qualquer maneira, não devemos desperdiçar as horas de dia claro.

— Pois eu acho que não devemos perder mais tempo — disse Humphreys. — Não há nada lá fora, a não ser um montão

7. "Agente Laranja": um produto químico utilizado pelos Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã. Agia sobre as florestas como desfolhante, inutilizando-as como abrigo para os vietcongs. (N.E.)

de árvores. E este idiota dá mais valor às árvores do que à vida humana. Vou fazer de tudo para que ele seja levado a julgamento por assassinato — Humphreys voltou-se para Moore e disse: —Vamos, Larry. Que acha de me ajudar a levar este Chave de Cano de volta para a civilização? Vamos enfiá-lo na cadeia, que é o lugar dele.

Moore olhou para Humphreys com uma expressão severa:

— Preciso de mais provas, e algumas respostas também. Preciso dar uma olhadinha nas árvores que foram derrubadas.

— Precisa mesmo? — perguntou Spinney. — Pois eu terei o prazer de lhe mostrar uma delas, mas já vou avisando: é bom você ter um estômago forte.

— Não se pode confiar em uma só palavra que este cara diz — protestou Humphreys. — Ele mente com a mesma facilidade com que respira.

— Não estou pedindo que acredite nas minhas palavras — disse Spinney. — Só nos seus olhos. É o quanto basta.

— É como se estivéssemos seguindo a flauta mágica de Pan⁸ — resmungou Humphreys.

Mas juntou-se aos outros que seguiam Spinney para fora da cabana, e ele sabia exatamente para onde os estava levando. Seus passos eram seguros, no meio da floresta.

— Chegamos — anunciou ele. — Pode dar uma olhada nisto. E olhe bem.

— Meu Deus — exclamou Scully, de olhos arregalados. — Que árvore enorme!

— Que árvore não! Que enorme pedaço de madeira morta — corrigiu Spinney.

A árvore que estava caída no chão da floresta tinha pelo

8. Pan: Deus dos pastores e rebanhos, representado como metade homem, metade bode com dois chifres e corpo coberto de pelos. Carrega uma flauta, cajado de pastor e ramos de pinheiro. Fazia parte do cortejo de Dionísio (Baco), deus do vinho e do delírio místico. (N.E.)

menos cinqüenta metros de comprimento, com o tronco medindo no mínimo três metros de diâmetro.

— Esta sequóia⁹ esteve em pé aqui desde que o mundo começou — disse Spinney. — Até que um bando de gananciosos viesse com suas malditas moto-serras e a derrubasse sem mais nem menos.

Enquanto Spinney se queixava, Scully e Mulder andaram por toda a extensão da árvore. Nunca tinham visto uma árvore gigantesca como aquela.

Moore agachou-se perto da base do tronco, para examinar com cuidado a enorme e brilhante marca alaranjada pintada na lateral da árvore caída.

Scully perguntou:

— Quem faz as marcas nestas árvores?

— O Serviço Florestal Federal — respondeu Moore. — Só podem ser cortadas as árvores assinaladas com um X azul.

— Dá para tirar muita madeira de uma árvore como esta — observou Scully.

— Milhares de metros de tábuas — disse Spinney. — É muito mais fácil e mais rápido do que derrubar árvores menores e mais novas. E mais barato também, pois eles ganham toneladas de dinheiro derrubando gigantes como esta árvore.

— Pare, ou eu vou acabar chorando — disse Humphreys, e voltou-se para Scully: — Fique sabendo, mocinha, que esses bandidos muitas vezes marcam árvores com sua própria tinta alaranjada.

Moore tirou os olhos do enorme X que marcava a árvore e, com uma expressão de reprovação e uma voz dura, disse:

— Esta árvore tem no mínimo quinhentos anos de idade, Steve.

9. Sequóia: árvores coníferas, naturais do oeste dos EUA, da família das Taxodiáceas de grande porte, ultrapassando os 100m de altura e consideradas os seres mais antigos do planeta, algumas atingindo 4000 anos de idade. (N.E.)

Mulder estava mais interessado no toco da árvore.

— Ei, dêem uma olhada nisto — disse ele.

A agitação que tinha na voz atraiu todos os outros para o toco. Os olhares seguiram o dedo indicador de Mulder, que apontava os anéis da madeira, de fora para dentro. Até que parou sobre um anel mais largo do que os outros, com uma cor diferente. Não era marrom, mas amarelo como enxofre.

— O que seria este anel? — perguntou a Moore.

— Não sei. Nunca vi um anel como este — respondeu o agente florestal.

— Os anéis do centro são os mais velhos, não é mesmo? — perguntou Scully.

— Sim, é isso — respondeu Moore. — Cada anel representa um ano de crescimento. Contando os anéis podemos saber a idade da árvore, e medindo a espessura deles sabemos como foi a temperatura e a média pluviométrica de cada um desses anos. Mas não sei o que significa este anel amarelo. Vou ter de tirar uma amostra para análise em laboratório.

— Já estão satisfeitos com a caminhada matinal? — perguntou Humphreys. — Porque eu só estou interessado em saber uma coisa: o que aconteceu com os meus lenhadores?

— É isto que estamos tentando descobrir — disse Scully.

— Examinando um toco de árvore? — perguntou Humphreys. — Deviam estar investigando este Chave de Cano. Se vocês o interrogarem pra valer, vão ver que é culpado, foi ele mesmo que sumiu com os meus lenhadores.

— Não acho que tenha sido ele — afirmou Mulder, com toda a calma.

— Pois eu acho que foi — disse Humphreys, apertando a espingarda com as duas mãos e a voz carregada de ameaças.

— Quero que ele seja preso. E que seja preso agora!

— Não há pressa — respondeu Mulder. — Ele não vai a parte alguma.

— Não vai mesmo — disse Humphreys, apontando a espingarda para Spinney. — Mas e se os dois companheiros dele aparecerem aqui enquanto vocês estão andando por aí? Lembra dos investigadores do Serviço Florestal que desapareceram? — perguntou ele a Moore. — Dá para imaginar o que esses bandidos devem ter feito com eles?

— Tenho de levar uma amostra desta árvore, Steve — respondeu Moore.

— Tenho várias famílias lá na cidade que querem resposta sobre os desaparecidos — insistiu Humphreys. — E você também, Larry? E essas respostas nós não vamos encontrar naquela árvore. Temos um crime a solucionar, e acho que quanto mais rápido melhor.

— A morte daquela árvore é o único crime que precisa ser investigado — disse Spinney.

Humphreys olhou bem para Moore, depois para Mulder e no fim para Scully.

Fez uma última tentativa no sentido de mudar a opinião deles.

— Ora vamos, pessoal. Não deixem este assassino continuar enganando vocês todos. — Ninguém disse coisa alguma, nem se moveu. E Humphreys arrematou, furioso: — Então, vocês três querem continuar agindo como idiotas...

Ele deu as costas e começou a se afastar.

— Onde é que você vai, Steve? — perguntou Moore.

— Voltar para a sua camionete — respondeu Humphreys, por cima do ombro — e pedir socorro pelo rádio. Vou chamar algumas pessoas aqui. Pessoas que querem ação.

— Steve! — gritou Moore.

Mas o chefe de segurança já havia desaparecido no meio das árvores.

— Deixe que se vá — disse Spinney, sorrindo. — Vai descobrir por si mesmo, descobrir assim que o sol se esconder de novo.

Capítulo 9

O barulho dos passos pesados de Humphreys pela floresta foi desaparecendo. Ele tinha ido embora. Moore voltou para o toco da árvore caída. — Vamos ver o que conseguimos descobrir, antes que o sol se ponha — disse ele. — Vou tirar uma amostra do miolo deste tronco e aí poderemos examiná-lo direito no acampamento.

— Parece uma boa idéia — disse Mulder. — Talvez este anel amarelo nos proporcione algumas respostas.

— Sinceramente espero que sim — disse Scully. — Até agora só conseguimos mais dúvidas.

Spinney balançou a cabeça e perguntou:

— Vocês não querem mesmo me ouvir, não é? Não acreditam no que eu estou dizendo que vi. De minha parte, só tenho uma pergunta: vocês têm gasolina suficiente para o gerador? Será que conseguiremos passar a noite com a luz acesa?

Quando regressaram ao acampamento, Spinney informou que ia até o abrigo do gerador, verificar a quantidade de combustível que ainda restava.

Os outros seguiram Moore até a cabana. Ele colocou sobre a mesa a amostra que retirara do tronco, na forma de um cilindro de mais ou menos um palmo de comprimento. Aí apanhou uma lente e começou a examinar.

— Coisa estranha — disse ele.

— Achou uma coisa estranha neste caso? — disse Scully — Deve estar brincando...

— O que foi? — perguntou Mulder.

— Este anel amarelo — respondeu Moore. — Parece que tem alguma coisa viva no meio. Algum tipo de inseto bastante pequeno, mas isso não faz nenhum sentido.

— Por que não? — perguntou Scully. — Há muitos insetos vivos no meio do tronco das árvores.

— É isso mesmo — confirmou Mulder. — Mas o que torna esses insetos tão estranhos?

— Os insetos atacam as árvores de diversas maneiras, conforme sua espécie — explicou Moore. — Mas sempre invadem as partes vivas, ou seja, as folhas, as raízes, os anéis externos e mais jovens.

— Talvez seja algum tipo de broca — sugeriu Mulder.

— Mesmo assim, não estariam vivendo em lugar tão profundo — disse Moore. — Tome a lente e veja por si mesmo.

E estendeu a mão com a lente.

Mulder olhou com cuidado, e viu o que Moore tinha falado. Movendo-se pelo anel amarelo da madeira estavam milhares de pequeninos insetos. Pequenos demais para serem vistos a olho nu. E diferentes de tudo que Mulder já tinha visto. Pareciam-se com minúsculas aranhas.

— Talvez este anel da madeira seja diferente — disse Mulder. — Parece que estão se alimentando da madeira. Olhe, Scully, talvez saiba o que são eles.

Ela apanhou a lente.

Olhou com cuidado e balançou a cabeça, dizendo:

— Nunca vi nada disso em livro nenhum. Consegue identificá-los? — perguntou a Moore.

— Parece que são algum tipo de termitas — respondeu Moore. — Mas é um tipo diferente, que eu nunca vi. Eu não seria capaz de explicar o que são estes insetos.

Não seria capaz de explicar o que são. A frase fez os olhos de Mulder brilharem mais. Scully sabia por quê. Mulder estava em seu território favorito agora. Seu campo de caça predileto: o território do Arquivo X.

— Poderiam estas criaturas estar vivendo nessa árvore há centenas de anos? — perguntou ele. — Talvez até mais?

— Não sei como poderiam — respondeu Moore. — O anel amarelo estava muito perto do centro do tronco. Toda árvore transporta água apenas aos seus anéis externos, e os insetos também precisam de água para sobreviver.

— Os insetos que conhecemos — observou Mulder.

Enquanto isso, Scully tinha voltado a examinar a amostra da árvore, com a lente de aumento.

— Parece que eles estavam chocando, dentro da madeira. Quando você tirou a amostra perturbou a tranquilidade do ninho.

— Seriam eles capazes de construir um casulo? — perguntou uma voz que vinha da porta. Era Spinney. Ele se aproximou e continuou: — Ouçam, meus caros representantes da lei. Já estou nesta floresta há bastante tempo. Conheço essas árvores como conheço meus melhores amigos, e sei o que está acontecendo aqui.

— E o que está acontecendo? — perguntou Moore. — Diga, estamos esperando.

— Eu direi... se estiverem dispostos a ouvir um representante dos Chaves de Cano.

— Ora vamos, Spinney — disse Moore. — Já está ficando tarde para brincar de esconde-esconde.

— Tem razão, é tarde mesmo — respondeu Spinney.

Ele tinha parado de brincar, pois o cair da noite não era nenhum motivo para brincadeira. E informou: — Meu companheiro Teague morreu logo depois que aquela árvore foi derrubada; também foi aí que os lenhadores desapareceram.

— E você acha que foram estas termitas que mataram todos eles? — perguntou Scully.

— Talvez eles estivessem adormecidos há centenas de anos — sugeriu Spinney. — Talvez até milhares de anos, e podem ter acordado famintos.

Spinney fez uma pausa. Ninguém disse coisa alguma, estavam todos muito ocupados, pensando.

Spinney sorriu, e disse:

— Sabem? Estou quase sentindo saudade do Humphreys. É estranho não ouvir a sua risada idiota. Gostaria de saber se ele ainda está rindo como antes.

A muitos quilômetros dali, Steve Humphreys não estava rindo nem um pouco, estava mas é praguejando.

Ainda era dia claro quando ele alcançou a estrada, mas o sol estava descendo rápido, na direção do horizonte.

A camionete ainda estava no mesmo lugar onde a haviam deixado. Olhou para os dois pneus estourados e viu que não dava para dirigir daquele jeito, porque acabaria com eles; por outro lado, poderia sair da floresta.

Ele abriu a porta do lado do motorista e jogou a espingarda sobre o banco. Entrou, ajeitou-se ao volante, e levou a mão à ignição, para dar a partida.

Seus dedos se fecharam no ar.

"Diabo!", resmungou ele. "Onde é que está a chave?"

Procurou no protetor de sol, não achou. Olhou no porta-luvas, também não encontrou.

Olhou pela janela e deu-se conta de que os últimos sinais de claridade estavam desaparecendo.

"Finalmente encontrei alguma coisa", disse ele consigo mesmo. E tirou uma lanterna de dentro do porta-luvas.

Acendeu o farolete ao mesmo tempo em que a noite descia.

E apontou o facho para fora da janela. A noite era densa e o facho da lanterna, insignificante.

Mas seria o suficiente. Proporcionaria luz suficiente para ele ver o que estava fazendo, já que pretendia fazer ligação direta no motor e cair fora daquele maldito lugar o mais rápido que pudesse.

Abaixou-se para trabalhar sob o painel da camionete.

"Ainda bem que sei cuidar de mim mesmo", pensou. "Talvez eu não seja um herói da Guerra do Vietnã, mas não foi por minha culpa que não fui convocado."

Não poderia ter ido à guerra deixando a mulher grávida em casa. Mas duvidava que qualquer daqueles veteranos fosse melhor do que ele em técnicas de sobrevivência na floresta. Era uma pessoa que sabia como funcionam as coisas no mundo, e conhecia bem a lei da selva. Um animal come o outro. Só os mais saudáveis e mais adaptados sobrevivem. Os mais fracos acabam sendo comidos.

Ele apanhou os fios da ignição.

"E aqui vai. Ha! Mais fácil do que comer mingau."

E riu, encostando um fio contra o outro. Seu sorriso aumentou, quando saíram faíscas. Ele ouviu o motor girando, uma volta... duas...

E morreu.

"Diabo!", pensou ele. "O motor deve estar frio!" Repetiu a operação, outra vez os fios soltaram faíscas, o motor girou uma vez, duas, três...

E silenciou de novo.

Ele desceu da camionete, abriu o capô do motor e iluminou lá dentro com o facho da lanterna. "Vou descobrir o que está errado, de uma vez por todas! Vou consertar e...

Zuuuuuummmmmm.

O zumbido vinha da floresta. Aumentou, e foi diminuindo.

Ele endireitou o corpo, virou o foco da lanterna para a direção de onde vinha o barulho.

Não viu coisa alguma. Só as árvores. Muitas árvores.

Ele apanhou a espingarda da cabine da camionete, e apontou na direção das árvores.

O zumbido aumentou de novo, mas vinha de uma direção diferente.

Ele virou rápido, com a espingarda numa das mãos e a lanterna na outra.

— Podem vir, seus malditos Chaves de Cano! — gritou a plenos pulmões —. Não tenho medo de vocês! Eu sei o que estão querendo!

A única resposta que obteve foi mais zumbido. Cada vez mais alto.

Então Humphreys deixou o queixo cair. E a lanterna também tombou de sua mão.

Ele nem se preocupou em apanhá-la, porque não precisava mais de luz. Tinha suficiente luminosidade, aliás, a floresta ao seu redor estava inundada de luz. Uma luz verde, deslumbrante, pairando sobre as copas das árvores.

Humphreys ficou olhando, boquiaberto, enquanto a nuvem se rompia em milhares de pequenos alfinetes luminosos, que desceram como um enxame de abelhas, na sua direção.

O chefe de segurança disparou com os dois canos de uma vez.

O zumbido abafou o estrondo dos tiros.

Ele atirou a espingarda para longe e correu para dentro da camionete, batendo a porta com força. Fechou o vidro o mais rápido que podia. Aí tentou uma vez mais dar partida ao motor, encostando os dois fios da ignição.

O motor girou uma vez, duas... e roncou vivo.

— Aí garoto, funciona! — disse ele, com os dentes

cerrados. A camionete começou a andar, dançando de um lado para o outro, sobre os pneus estourados.

Olhando pela janela, Humphreys viu os pontos de luz que se aproximavam e, em pouco tempo, começaram, a bater contra o vidro.

"Que tipo estranho de inseto", pensou ele, irradiam uma luz verde, na escuridão!"

Mas logo estaria livre deles. Logo estaria fora daquele...

Aghhhh!

Gritou com toda força dos pulmões quando sentiu a primeira ferroada na mão.

Foi só então que percebeu os insetos entrando pela tomada de ar da cabine.

Num piscar de olhos, toda a cabine estava cheia deles. E o cobriam dos pés à cabeça, tomando conta de cada centímetro de pele descoberta. As mãos, o rosto, o pescoço. Tentava espantá-los, mas os insetos o ignoravam. As picadas ardiam e queimavam como agulhas incandescentes.

"É preciso cair fora daqui!", sua mente lhe dizia. Tentou abrir a porta, mas estava emperrada.

Não havia meio de escapar.

Não havia.

Não...

Nãããooooooooo!

O último som de sua voz misturou-se com o zumbido que dominava a escuridão da noite.

Capítulo 10

Na cabana, as luzes permaneciam acesas. Scully continuava estudando a amostra tirada do tronco. Era uma cientista que nunca deixava um problema de lado. Mulder foi preparar mais um pouco de chá. Sua técnica era a de relaxar a mente, deixando que as respostas viessem ao seu encontro, naturalmente.

Moore ficou olhando pela janela, ansioso pelo regresso de Humphreys. Apesar das diferenças entre os dois, Humphreys e Moore tinham sido amigos durante muitos anos. Spinney era o único na cabana que estava sorrindo, porque naquele momento agradava-lhe ver aumentar a preocupação de Moore.

— Humphreys já devia ter voltado — disse Moore. — Eu conheço Steve. Tem um temperamento esquentado, mas logo acaba se controlando. Não nos abandonaria aqui. É um homem que trabalha em equipe.

— Por que não sai por aí para procurar por ele? — perguntou Spinney. — Moore não respondeu, e Spinney

continuou: — Por outro lado, por que esquentar a cabeça? O que poderia acontecer com um cara durão como o seu amigo? Um sujeito machão como ele, que não tem medo da escuridão? Da mesa, Scully anunciou:

— Estes insetos não estão se mexendo mais. Ou morreram, ou estão dormindo.

— Não tenha muita certeza de que estão mortos, nem adormecidos — disse Spinney. — É a luz. Eles não gostam do clarão da luz.

— É estranho — comentou Scully. — Em geral os insetos são atraídos para a luz.

— Mas esses aí não são insetos comuns — observou Spinney. — Ou será que ainda não percebeu?

Enquanto isso, Mulder se dava conta de outra coisa estranha.

Ele passou os dedos sobre um tipo de graxa que cobria o armário de madeira, na cozinha.

Tinha visto o mesmo tipo de graxa na geladeira.

Examinou todo o resto da cozinha e verificou que a graxa estava por toda parte. Ou os lenhadores eram os cozinheiros mais sujos do mundo ou...

Ou o quê?

Ele não sabia. Arquivou aquela nova dúvida no fundo da sua mente, como se estivesse guardando mais uma peça do quebra-cabeças. Talvez não se encaixasse naquele momento, porém acabaria se encaixando mais tarde, quando mais algumas peças fosse encontradas.

— Scully — chamou ele —, você sabe alguma coisa a respeito de insetos?

— Sempre tirei a nota máxima em Biologia — respondeu ela. — Mas já faz um certo tempo...

— O que sabe a respeito deles? — perguntou Mulder.

• — Vejamos. São um elo importante na corrente da vida. Talvez até possamos dizer que representam a mais importante

coluna de sustentação da vida na Terra. E existem bilhões e bilhões deles.

— São muito mais numerosos do que os seres humanos, certo? — perguntou Mulder.

— Muito mais numerosos, sem sombra de dúvida — disse Scully. — Algo em torno de duzentos milhões de insetos para cada ser humano que vive no planeta.

— E apareceram no mundo há muito tempo — afirmou Mulder.

— Muito antes do ser humano — disse Scully. — Apareceram antes mesmo dos dinossauros. As mais recentes pesquisas indicam que teriam surgido há uns seiscentos milhões de anos. Por quê?

Mulder aproximou-se da mesa para olhar a amostra que tinha sido tirada da árvore caída. Tocou de leve no pedaço de madeira, com muito respeito, e disse:

— Esta árvore tem quantos anos? Quinhentos, seiscentos, setecentos anos?

— Sim. Mais ou menos isso — concordou Moore.

— E os anéis mostram as mudanças ocorridas no clima? — tornou a perguntar Mulder.

— Isso mesmo — respondeu Moore.

— Quer dizer que alguma coisa estranha aconteceu no ano em que aquele anel amarelo se formou — disse Mulder.

— Tudo indica que sim — afirmou Moore.

— Que tipo de coisa estranha? — quis saber Scully.

— Vou levantar uma teoria — disse Mulder. — Uma erupção vulcânica. Ainda há diversos vulcões em toda esta cadeia montanhosa que vai desde Washington até o Oregon. Lembra-se da erupção do vulcão Santa Helena¹⁰? A montanha inteira explodiu e metade dela foi para o espaço.

10. Vulcão Santa Helena: localizado no estado de Washington, entrou em erupção em 18 de maio de 1988 com um grande jato de cinzas. Graças ao trabalho de aviso dos vulcanologistas, somente duas pessoas morreram. (N.E.)

— E como isso explicaria a existência destes insetos? — perguntou Scully, muito interessada.

— Veja o caso do vulcão Santa Helena — sugeriu Mulder. — Quando explodiu, houve uma liberação de radiação, que veio das profundezas da Terra. De repente, muitas coisas estranhas começaram a aparecer.

— Que tipo de coisas?

— Uma delas foi um tipo de ameba que encontraram num lago — explicou Mulder. — Ninguém tinha visto coisa parecida. Ela seria capaz de sugar o cérebro de um homem.

— Não precisa me dizer como foi que descobriram isso — pediu Scully, e balançou a cabeça, dizendo: — Eu posso imaginar. Uma ameba que suga o cérebro de um homem. Coisa estranha mesmo! Eu conheço você, Mulder, algumas vezes suas histórias são exageradas ao extremo, beirando a ficção científica!

Mas Mulder tinha testemunhas.

— E verdade — disse Spinney — Foi no Lago Spirit. Existem provas documentais sobre o que aconteceu com pessoas que estavam nadando lá. E você tem razão, Scully, é melhor não ficar sabendo dos detalhes desse fato.

— Está bem, vou aceitar isso — disse Scully. — Mas uma ameba é uma forma de vida unicelular, que pode passar por mutações rápidas. Os insetos são diferentes, são seres bastante complexos. Têm milhares de células, portanto qualquer mutação demoraria muitos anos, décadas, senão séculos inteiros. Melhor tentar outra teoria, Mulder.

O olhar de Mulder concentrou-se no infinito. Scully quase podia ouvir o cérebro dele funcionando, zumbindo como um computador.

Finalmente ele disse:

— Então é possível que não tenham sofrido uma mutação. E se forem algum tipo de ovo de inseto? Com milhares, ou talvez milhões de anos de idade, ovos vindos do

fundo da Terra, trazidos à superfície por uma erupção vulcânica. Eles poderiam ter sido levados ao interior da árvore pelo sistema de raízes da planta e poderiam ter ficado em vida latente no interior do tronco, por centenas de anos...

— ...até o dia em que aqueles lenhadores cortaram a árvore... e os ovos se romperam — completou Spinney, dentro da linha de pensamento de Mulder. — Isso mesmo! Bela linha de raciocínio, Senhor Agente do FBI! — Spinney voltou-se então para Larry Moore, e disse: — Seria uma boa piada, não é mesmo, Senhor Agente Florestal? Mas "piada" não é a palavra certa. Seria justiça. Sim. Justiça poética. Os lenhadores violaram a lei e acabaram liberando a coisa que os haveria de matar. — Spinney fez uma pausa, depois disse: — E que talvez também tenha tirado a vida de nosso amigo Humphreys — Moore não respondeu à provocação. Depois de um instante de silêncio, Spinney arrematou: — E que pode vir a acabar com todos nós...

Capítulo 11

Quando Dou Spinney acordou ao amanhecer do dia seguinte, estava muito assustado por causa de um pesadelo. Estava tendo um pesadelo. Um horrível pesadelo sobre uma nuvem de insetos devorando a carne de seu velho amigo Teague, cujos horripilantes gritos

ecoavam pela floresta, ao mesmo tempo em que Spinney e seus companheiros só observavam e ficavam ali, impotentes. Quando Spinney abriu os olhos, eles ainda refletiam o terror que tomara conta dele. Precisou piscar várias vezes para sua visão voltar, e viu os primeiros raios da aurora através do vidro empoeirado da janela da cabana. Tinha conseguido sobreviver a mais uma noite!

Olhou para o telhado e viu que a luz ainda estava acesa na cabana. O gerador também tinha conseguido sobreviver a mais uma noite de trabalho.

Ele olhou ao redor. Os outros estavam dormindo, pois não haviam tido pesadelos que os despertasse. Ainda não. Levantou-se pé ante pé e, procurando não acordar os

outros, saiu sorrateiramente da cabana, fechando a porta atrás de si.

Assim que chegou do lado de fora, apertou o passo e, quase correndo pelo acampamento, foi na direção do abrigo do gerador, que ainda estava funcionando. Não se preocupou em desligar o motor. Não queria que as luzes da cabana se apagassem, porque os outros poderiam acordar, se isso acontecesse. Por certo eles mesmos desligariam o motor, assim que despertassem. Deviam ser suficientemente sensatos para fazer ao menos isso. Desse modo, o gerador ainda teria suficiente combustível para poder funcionar mais uma noite.

Spinney apanhou a lata de vinte litros de gasolina e a sacudiu, para calcular o quanto de gasolina ainda havia. Não restava muita, mas seria suficiente. *Tinha* de ser suficiente.

Ele carregou a lata para fora do abrigo, para um dos caminhões quebrados por seus companheiros e levantou o capô do motor. Do cinturão que segurava suas velhas calças *jeans*, ele tirou uma chave inglesa. Com todo o cuidado, e silenciosamente, soltou um par de parafusos e um suporte. Era o suporte que prendia no lugar a bateria do caminhão.

Colocou a chave inglesa de volta no cinturão, e estendeu as duas mãos para retirar a bateria.

OuvIU um barulho metálico atrás da cabeça, o que o fez paralisar. Sabia o que era aquele barulho: um revólver sendo engatilhado.

Ele se voltou e viu-se olhando no cano de um revólver. Calibre 45, uma arma do FBI.

— Pretende ir a algum lugar? — perguntou Mulder, com a arma apontada entre os dois olhos de Spinney.

— Ei, cara, você é silencioso — disse Spinney. — Poderia ter-se saído bem no Vietnã. Claro que já não sou mais tão rápido como costumava ser, aliás, eu tinha um olho na nuca...

— Eu sei que as suas histórias de guerra devem ser bem interessantes — disse Mulder. — Mas não estou

interessado nelas agora. Vou fazer a mesma pergunta outra vez: pretende ir a algum lugar?

— Eu? Por que pergunta isso? — disse Spinney. Seus olhos dançavam de um lado para o outro, como se estivesse procurando uma saída. Mas não via como. A única coisa diante dos seus olhos era o revólver de Mulder, apontado para sua cabeça, e o olhar do agente, tão implacável quanto o cano da sua arma.

— Que hora estranha para consertar o motor do caminhão — ironizou Mulder. — Por favor, desculpe se eu estiver enganado, mas por acaso não estava pensando em cair fora daqui?

Spinney pensou em mentir, mas não teve muito tempo, pois logo percebeu que Mulder não era o tipo de pessoa que acreditaria em mentiras. Tinha um rosto inocente e parecia ser bonzinho por fora, mas, debaixo da pele daquele agente do FBI Spinney reconhecia a existência de algo mais. Alguma coisa dura e implacável como uma rocha. Spinney não conseguia identificar o que sentia, mas não pretendia arriscar sua sorte com aquele sujeito.

— Está bem, está bem — admitiu Spinney por fim —. Vou ser sincero com você. Eu tenho de ir salvar os meus companheiros, que ainda estão presos, lá no meio da floresta. Só têm combustível suficiente para o gerador funcionar durante umas quatro horas, durante esta noite. Seis horas no máximo. Estarão todos mortos se eu não chegar lá com esta gasolina.

— E o que vai acontecer conosco? — perguntou Mulder — E o nosso gerador? Não parece estar preocupado com isso nem um pouquinho.

— Tem suficiente combustível para funcionar o tempo que vocês quiserem — disse Spinney. — Eu examinei o tanque, vai funcionar até eu conseguir voltar e tirar vocês todos daqui.

— Tirar nós todos daqui? — perguntou Mulder. — Que

grande bondade a sua. Só tem um detalhe: poderia me dizer como pretende fazer isso?

— Com a bateria deste caminhão — respondeu Spinney. — Ainda está carregada, está vendo? E a única bateria do acampamento que ainda tem carga. Nós arreventamos todas as demais porém, quando cheguei para atacar este caminhão, já estava escurecendo, o sol já se havia escondido, e eu desisti.

— Que vergonha — disse Mulder. — Deviam expulsar você do Clube dos Chaves de Cano.

— Ei, olhe aqui, vamos deixar essas coisas pra trás, está bem? Eu quero fazer tudo direitinho agora.

— De que jeito? — perguntou Mulder, com o revólver ainda apontado para o outro.

— Eu e os meus companheiros temos um Jipe estacionado num dos vales, aí adiante. Só que está com a bateria arriada, mas posso chegar até lá. E sei que poderia estar de volta aqui amanhã pela manhã. Aí todos nós podemos cair fora daqui no Jipe. Fácil, fácil.

— Parece uma boa idéia — disse Mulder.

— Parece uma boa idéia porque é uma boa idéia — respondeu Spinney.

— Só tenho uma dúvida — disse Mulder. — Se planejou fazer as coisas do jeito que acaba de dizer, por que agiu tão sorrateiramente? Por que não veio e contou o que pretendia fazer?

— Por causa de Moore, o Freddie, o cara do Serviço Florestal.

— O que tem ele? — perguntou Mulder.

— Ele jamais concordaria — respondeu Spinney. — Não confiaria em mim, pois você já deve ter percebido que não sou um dos amigos da companhia madeireira. No modo de ele ver, eu sou um fora-da-lei. Para ele não interessa se é a companhia madeireira que está violando a lei. Eu sou o único que não está distribuindo grana pra todo o mundo.

— Então acha que ele está recebendo propinas? — perguntou Mulder. — Por acaso tem alguma prova?

— Não — respondeu Spinney. — Não tenho provas. E talvez ele nem esteja recebendo propinas, mas é desse jeito que ele pensa, porque é um "caxias". Essa gente acha que quem usa um crachá de uma grande empresa sempre é o mocinho. Se a gente cria caso, é logo considerado o bandidão.

— E eu? — perguntou Mulder. — Por que acha que eu acreditaria no que está dizendo? Afinal de contas, não se esqueça de que sou do FBI.

— Pode ser Policial Federal, mas é diferente de todos os que eu conheci até agora. Não tem a visão bitolada dessa gente. Você é um sujeito estranho, cara. Estranho o bastante para ver as coisas do jeito que elas de fato são, neste mundo maluco. Devia fazer parte da nossa turma. Ou talvez até já seja um dos nossos.

— Não necessariamente — disse Mulder. Ele teve de disfarçar o sorriso. Mas isso não o impediu de manter a arma apontada na mesma direção.

— Olhe, cara, confie em mim — implorou Spinney. — Talvez eu tenha feito algumas coisas com as quais você não concorda. E não sou muito de agir de acordo com as regras. Talvez até tenha violado a lei umas duas ou três vezes. Mas há uma razão muito forte por trás de tudo o que eu faço, tem a ver com a preservação da vida. Eu nunca matei ninguém, pelo menos não depois do Vietnã. Aquele lugar me curou para sempre da vontade de matar. Neste momento, a única coisa que eu peço é uma oportunidade para tentar salvar você e os seus amigos, por isso tem de me deixar tentar. Tem de acreditar em mim.

— E se eu não deixar?

— Você sabe o que vai acontecer — disse Spinney. — Já viu o resultado. E então? Afinal de contas, o que tem a perder?

— Se você for embora daqui com todo o resto de nossa

gasolina? — perguntou Mulder. — Isso vai reduzir em muito a nossa possibilidade de sobrevivência, nossa chance passa a ser praticamente inexistente.

— E um risco que você vai ter de correr — insistiu Spinney.

Mulder mordeu o lábio inferior.

Colocar a sua própria vida em jogo era uma coisa.

Arriscar a vida dos outros era muito diferente.

Spinney olhou para Mulder com ar de súplica, e disse:

— Ei, cara, juro que eu volto. Então? O que me diz?

Capítulo 12

Mulder não queria nem pensar no que poderia acontecer se estivesse errado a respeito de Spinney, ou se Spinney estava enganado sobre sua chance de ir em socorro dos companheiros, e ainda voltar com o Jipe para salvá-los.

Mesmo assim, não pensava em outra coisa.

Não conseguia se esquecer dos restos humanos encontrados no casulo.

E não parava de pensar em quantos casulos mais ainda poderia haver, dependurados pela floresta.

Mentalmente ele contou quantas pessoas haviam desaparecido ali: os lenhadores algumas semanas antes, os homens do Serviço Florestal Federal, mandados para investigar o desaparecimento daquele grupo, e também os lenhadores desaparecidos havia cinquenta anos antes, quando ainda não existiam leis de proteção das árvores mais antigas da floresta.

Quantos casulos ainda existiriam? Quantas pessoas mais,

durante todos aqueles anos, teriam despertado a ira da natureza ao derrubar as gigantescas árvores, atraindo a vingança sobre suas próprias cabeças?

Mulder não poderia ficar ali sentado, esperando que Spinney regressasse. Tinha de fazer alguma coisa. Pelo menos, precisava tentar.

Encontrou uma caixa de ferramentas em um dos caminhões e a levou para dentro da cabine. Os outros já começavam a despertar, porém ele os ignorou, indo direto para o rádio quebrado e começando a desmontar as peças.

— Não sabia que entendia disso também, Mulder — disse Scully, levantando-se e esfregando os olhos.

— Costumava brincar com equipamento de radio-amador, nos meus tempos de criança — disse Mulder, sem levantar os olhos das peças.

— Eu até acho que sei por quê. Alguma vez conseguiu estabelecer contato com uma nave alienígena? — brincou Dana.

Era uma brincadeira particular entre os dois. Scully sabia da história da irmãzinha de Mulder, abduzida por seres alienígenas quando os dois ainda eram crianças. E sabia que ele vira tudo acontecer e também sabia que ninguém acreditava nele. Scully conhecia bem os detalhes da vida de Mulder, de como ele se metia em perseguição a qualquer fenômeno estranho e desaparecimento inexplicado de pessoas, em qualquer parte do país. Uma perseguição que o acabara levando ao Arquivo X¹¹.

— Não — respondeu Mulder. — Mas não foi por falta de tentar.

11. No episódio-piloto da série, enquanto investigam seu primeiro caso juntos, Mulder conta a Scully sobre o desaparecimento de sua irmã e sua crença sobre ela ter sido raptada por alienígenas. O assunto volta a ser tocado no episódio **O Elo de Ligação (Conduit)** e em **Os Homenzinhos Verdes (Little Green Men)**, quando são mostradas cenas da abdução de Samantha. (N.E.)

— Eu imagino — comentou Scully, observando-o na tarefa de tentar consertar o aparelho de rádio-comunicação.

Mulder não era de desistir. Fossem quais fossem as suas chances, demorasse quanto tempo demorasse, ele tinha de continuar tentando.

— Quer um pouco de chá para o café da manhã? — ofereceu ela.

— Claro, obrigado — respondeu ele.

O rádio já tinha sido todo desmontado, e ele estava começando a juntar as peças de novo.

— Por favor, faça um pouco de chá para mim também — pediu Moore.

O agente do Serviço Florestal levantou-se, estirou os músculos, foi até a pia e lavou o rosto com água fria. Scully lhe deu uma caneca com chá e ele tomou um gole.

— Obrigado. O que o seu parceiro está fazendo?

— Mexendo no aparelho de rádio — respondeu ela.

— Está perdendo seu tempo — afirmou Moore. — Vai ficar o dia inteiro trabalhando nisso e não vai adiantar nada.

— Por que não diz isso a ele?

— Está jogando o seu tempo fora. — disse Moore, encolhendo os ombros. — Eu prefiro dar uma olhada pelo acampamento, porque quero ter certeza de que Spinney não está preparando alguma. Uma coisa eu sei: ele não vai escapar daqui. De jeito nenhum. Sabe o que eu acho engraçado? E um cara que diz ter tanto amor pelas árvores, mas que morre de medo da floresta.

Moore tinha acabado de sair pela porta da cabana quando Mulder anunciou:

— O rádio está montado.

Ele encostou um fio no outro e, com uma estática forte, o aparelho voltou à vida.

Scully correu até a mesa e perguntou:

— Está funcionando mesmo?

— Mais ou menos. Não estou conseguindo captar nada. A parte do aparelho que recebe transmissões de fora não tinha mais conserto.

— Mas está transmitindo? — perguntou ela, ansiosa. — Acha que pode mandar um pedido de socorro?

— Pretendo tentar — respondeu Mulder.

Apanhou o microfone e virou uma chave para cima e para baixo várias vezes, até que a estática se manteve constante. Girou o botão da sintonia para a frequência de emergência, e então falou pausadamente, de modo bastante claro no microfone:

— Este é um pedido de socorro. Tem alguém na escuta? Só se ouviu mais estática.

— Como eu disse, a parte do receptor não funciona. Só posso continuar repetindo o chamado e esperar que alguém escute.

Scully deu uma risada amarela e disse.

— Lembra-se daquela charada? "Se uma árvore cai no meio da floresta e ninguém ouve, pode-se dizer que ela fez barulho?" Acho que estamos a ponto de descobrir a resposta.

Mulder falou no microfone:

— Aqui é o agente especial Mulder, do FBI, em companhia da agente especial Scully. Temos uma situação de emergência. Suspeitamos da possibilidade de uma infestação de insetos que ameaça várias vidas humanas. Estamos em possível situação de quarentena. Nossa posição é...

Mulder fez uma pausa. Scully jogou o mapa da região na frente dele.

Mas, antes que Mulder conseguisse identificar no mapa a posição em que se encontravam, o mostrador do rádio se apagou.

— O motor do gerador deve ter parado — disse Scully.

— Então vamos lá verificar.

Mulder colocou o microfone sobre a mesa e levantou-

se. Virou a trava de segurança de sua arma, ao sair da cabana com Scully, e quando chegaram ao abrigo do gerador encontraram Moore ao lado do motor.

— O que aconteceu com o gerador? — perguntou Mulder.

— Eu desliguei, só isso — respondeu Moore.

— Pois torne a ligar — ordenou Mulder, impaciente. — Consegui fazer o rádio funcionar e, sem o gerador, de nada vai adiantar.

— O que aconteceu com o galão de gasolina que estava aqui? — perguntou Moore.

Mulder hesitou, engoliu em seco, depois disse:

— Spinney levou.

— Spinney levou? — perguntou Moore, visivelmente chocado. Sacudiu a cabeça como se tivesse levado um bofetão.

— Foi logo cedo — explicou Mulder. — E também levou a bateria de um caminhão.

— Ele fugiu? — perguntou Moore, ainda tentando assimilar as notícias. — Quando foi que você descobriu que ele tinha fugido e levado essas coisas?

Mulder hesitou um instante, antes de admitir:

— Deixei que ele fosse embora. Vai voltar para nos ajudar, amanhã pela manhã.

— Verdade mesmo? — perguntou Moore com ironia. — E por acaso ele lhe deu suas garantias pessoais de que vai fazer isso?

— Ele me deu sua palavra de que voltaria.

— Sua *palavra*? — gritou Moore. — Então você acha que a palavra dele vale alguma coisa? Vale alguma coisa a palavra de um homem que vive para fazer sabotagem? A palavra de um homem que desafia a autoridade? A palavra de um homem que não tem o mínimo respeito pela lei? A palavra de um homem que provavelmente meteu um tiro no pára-brisa da minha camionete?

— Foi uma decisão que eu tomei — disse Mulder.

— Pois eu coloco essa decisão em xeque — retrucou Moore. — Acho que foi uma loucura de sua parte.

— E o que você teria feito? — perguntou Mulder.

— Eu o teria feito parar — respondeu Moore. — Vivo ou morto.

— Pois eu acho que, com ele tentando, vamos ter uma oportunidade de sair desta com vida — argumentou Mulder. — É uma chance a mais do que tínhamos antes.

— Ou uma a menos — disse Moore.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Scully. Ela queria ficar do lado de Mulder, mas o risco que ele estava correndo era grande demais.

— O seu amiguinho aqui deixou Spinney ir embora levando o resto da nossa gasolina — disse Moore. — Não há mais do que um quarto de combustível no tanque do gerador. Talvez menos. Com muita sorte, seria o bastante para mais uma noite apenas de funcionamento.

— E nos caminhões? Não há mais gasolina? — perguntou Scully.

— Bem, como o senhor Spinney não está aqui para responder, vou deixar que seu amigo Mulder lhe diga.

— Mulder, qual é a situação? — perguntou Scully.

— Não há mais gasolina — respondeu ele. — Os tanques foram furados ou estão cheios de açúcar.

— E quem fez isso foi o mesmo homem em quem devemos confiar e esperar que volte para nos salvar! — disse Moore.

— Então temos de continuar tentando fazer contato através do rádio — decidiu Scully. — Temos de transmitir um pedido de SOS. Tem de haver alguém sintonizado na frequência de emergência, alguém que acabará nos ouvindo.

— Quer apostar sua vida nisso? — perguntou Moore. — Cada gota de gasolina que for gasta para fazer o rádio funcionar

vai nos fazer falta durante a noite. Não quero ficar rezando para que alguém tenha ouvido nossa mensagem, quando o tanque do gerador ficar seco às duas horas da manhã e o motor parar. E quando as luzes se apagarem. Você quer?

— Então, o que devemos fazer? — perguntou ela.

— Pergunte ao seu amiguinho aqui — respondeu Moore.

— Ele é que tem todas as respostas na ponta da língua.

Os dois olharam para Mulder.

— Faremos tudo o que for possível fazer antes da noite cair — sugeriu Mulder.

Capítulo 13

Temos de construir uma barreira — declarou Mulder.

— Precisamos transformar a cabana em uma fortaleza.

— Contra o quê? — perguntou Scully.

— Contra a noite — respondeu Mulder —, contra qualquer coisa que esteja lá fora de noite, que não sabemos o que é.

— Eu gostaria de saber exatamente de que se trata — disse Moore. — Caso contrário, é como lutar de olhos vendados.

— Ninguém nunca disse que ia ser fácil—disse Mulder. — O que precisamos é fazer um levantamento para ver o que podemos usar, por isso vamos olhar por todo o acampamento. Uma coisa ninguém pode negar sobre a civilização ocidental: ela produz uma enorme quantidade de lixo ainda útil. Talvez possamos reciclar muita coisa que está jogada por aí.

Foi Scully quem encontrou o que eles precisavam. Uma verdadeira montanha de encerados plásticos, no depósito de

lixo do acampamento. Os encerados deviam ter servido como embalagem do equipamento de extração de madeira.

—Excelente!—exclamou Mulder. —Agora podemos nos enrolar nestes encerados e ficar enroladinhos neles como os insetos. Só que inseto não é uma palavra muito apropriada aqui.

Carregaram os encerados para dentro da cabana e, com martelos e pregos, puseram mãos à obra, pregando os encerados no chão, nas paredes e no teto.

—Procurem não deixar nenhuma fenda ou abertura — advertiu Mulder.

—Parece que estamos facilitando o trabalho dos nossos amigos — disse Scully, enquanto martelava, pregando um dos encerados na janela. — Estamos construindo nosso próprio casulo e nos fechando dentro dele.

—Esse é o maior problema de quem constrói seus meios de defesa — concordou Mulder. —Ao pretender nos proteger, podemos acabar caindo numa armadilha.

—Tenho de verificar mais uma coisa — disse Scully.

A única lâmpada que havia na cabana estava pendurada em um fio longo, que vinha do teto. Bastava erguer o braço para alcançá-la, e Dana começou a desenroscá-la do soquete.

—Tenha cuidado, Scully — disse Moore. — É a única lâmpada que temos. Parece que a companhia madeireira andou cortando bastante as despesas neste acampamento.

Scully balançou a cabeça e segurou a lâmpada como se fosse uma preciosidade fragilíssima.

—Você conhece aquele novo tipo de lâmpada? A que pode funcionar até sete anos, sem precisar ser trocada? — perguntou ela.

—Conheço — respondeu Moore.

—Pois bem, não é este caso. E tem mais: é do tipo mais barato que existe. Tenho a impressão de que o filamento já está quase para se romper. Espero que eu esteja totalmente enganada.

—Vamos descobrir isso logo — disse Mulder, enquanto Scully colocava a lâmpada de volta no soquete. O sol já começava a descer no horizonte.

—Vou pôr o gerador em funcionamento — disse Moore.

—E melhor andar depressa — avisou Mulder —, porque tenho certeza de que você não vai querer estar lá fora quando escurecer!

—Claro que não! — concordou Moore, já saindo pela porta.

Demorou exatamente três minutos para ir e voltar. Com a respiração ofegante, ele pregou o último encerado na porta.

—É a hora da verdade — disse Mulder, ligando o interruptor da luz.

Todos prenderam a respiração, até a lâmpada acender.

Mulder olhou no relógio e disse:

—O raiar da aurora vai acontecer daqui a dez horas mais ou menos.

—Com a proteção dos encerados e da lâmpada, deveremos passar a noite sem dificuldades — disse Moore.

—Não vamos ter problemas — concordou Mulder. — A não ser que...

—A não ser o quê? — perguntou Scully.

—Que tenhamos algumas surpresas — respondeu Mulder.

Ele se deitou num dos beliches, Moore deitou-se em outro, e Scully num terceiro.

—E engraçado, mas achei que odiava televisão — disse Scully. — Bem que gostaria de ter uma para assistir agora.

—Seria muito melhor do que ficar olhando para essa lâmpada, e torcendo para que ela não se queime — disse Moore.

—E ouvindo o barulho do gerador — acrescentou Mulder. Eles podiam escutar o motor funcionando lá fora. — Seria impressão minha ou o motor está falhando?

— Fiz o melhor que podia para consertar—disse Moore —, mas ainda não está funcionando muito bem. Só podemos rezar para que não pare de repente.

— Não precisamos ficar prestando atenção para descobrir se o motor está ou não falhando — disse Scully. — E só olhar para a lâmpada. Está piscando. Olhando para ela desse jeito me dá a impressão de que estou numa montanha russa.

— Por que não trata de dormir um pouco? — sugeriu Mulder.

— Falar é fácil... — Scully sentia calafrios toda vez que o brilho da lâmpada diminuía, para acalmar-se quando a intensidade da luz voltava ao normal.

Ela decidiu aceitar o conselho de Mulder. Fechou os olhos mas voltou a abri-los em seguida, pois havia uma coisa que não queria ver: era a escuridão.

Deitou-se de bruços, virou o rosto para o outro lado e fixou o olhar no encerado que cobria a parede ao seu lado. Sentou-se tão rapidamente que quase bateu a cabeça no beliche.

Ela tentou impedir que o pânico que estava sentindo transparecesse em sua voz.

— Eu consigo vê-los... através do encerado! Venha olhar!

Levantou-se e ficou perto do encerado, através do qual ela via pontos de luz verde que brilhavam contra o plástico sujo. Centenas de pontos.

— Estão atravessando pelas paredes — disse Scully —, ali embaixo, perto do chão, onde a luz não alcança. Quero dar uma olhada melhor neles.

Com os outros olhando sobre seus ombros, Scully empurrou o encerado com ambas as mãos e começou a desdobrá-lo.

—Aaaah! — gritou ela.

Os brilhantes pontos de luz verde alcançaram-lhe o braço, subindo cada vez mais.

—Estão em cima de mim! — gritou em desespero. — Tire-os daqui!

Scully deu um salto para trás, balançando os braços em desespero.

— Cuidado! — gritou Moore, quando ela atingiu a lâmpada com uma das mãos.

O fio começou a balançar violentamente no ar.

Moore quase derrubou Scully quando se lançou para a frente, tentando segurar a lâmpada. Conseguiu apanhar o fio e o estabilizou novamente.

Enquanto isso, Mulder segurava Scully com os dois braços, e percebeu o quanto ela estava tremendo, de maneira quase convulsiva. Estava descontrolada.

— Scully! — ordenou ele. — Acalme-se! Fique quieta!

Scully esforçou-se para obedecê-lo. Fechou os punhos e deixou os braços caírem dos lados do corpo. Seu coração batia como um martelo e manteve os olhos fechados. Não conseguia o controle necessário para abri-los.

— Onde estão eles, Mulder? — perguntou ela. — Você os está vendo?

— Não estão apenas sobre você, Scully — disse Mulder.

— Estão em toda parte. Estão deixando aquela graxa que encontrei por toda a cabana. Acho que eles se acenderam sobre os seus braços porque você estava na sombra.

— Pensei que estivéssemos em segurança aqui — disse Scully, sacudindo os braços para ter certeza de não havia mais insetos sobre ela. E não havia. Ou pelo menos parecia não haver, pois não sentia nenhuma ferroada.

— Acho que estamos em segurança — disse Mulder.

— Quando estão em pequeno número parece que não causam dano, e a luz acesa os impede de formarem nuvens

— ele olhou pela janela. — Não sei quantos deles seriam necessários para devorar uma pessoa humana, nem saberia dizer quantos deles haveria lá fora. Mas acho que são o

suficiente para esconder o céu e cobrir as árvores. Talvez estejam ficando cada vez com mais fome.

— Só espero que eles saibam fabricar lâmpadas de boa qualidade em Taiwan — disse Moore, ainda segurando o fio.

— A aurora ainda está bem distante.

Capítulo 14

Scully nem pensou em tentar dormir. Ainda estava tremendo e só conhecia um jeito para se acalmar: tinha de voltar ao trabalho.

Deitou-se no beliche e começou a pensar sobre o caso.

De repente, foi assaltada por um pensamento.

Levantou-se e correu para sua mochila, de onde tirou um recipiente de vidro e o colocou sobre a mesa.

"Foi o que pensei", disse consigo mesma.

Voltou-se e dirigiu-se aos outros dois:

— Por favor, venham até aqui, quero que vejam isto.

Mulder e Moore aproximaram-se, e olharam para as pequeninas bolas de luz verde que estavam dentro do recipiente de vidro. Eram pouco mais de dez. Voavam com uma rapidez furiosa, como se estivessem lutando para escapar.

— Coletei estes insetos na floresta, do casulo que encontramos — disse Scully. — Parecem pequeninos vagalumes. Se for esse o caso, a luz que eles emitem tem origem

nos dejetos dos seus corpos. Quando os dejetos atingem o ar, produzem esse clarão. Neste caso, um clarão verde.

— Isso mesmo — disse Moore. — É uma reação química provocada por oxidação instantânea.

— Só que não são vaga-lumes — disse Mulder, de olhos fixos no recipiente de vidro. — Vaga-lumes não se parecem com minúsculas aranhas, e vaga-lumes não produzem casulos nem sugam a vida das pessoas.

— Deve ser assim que eles fazem os seus casulos — disse Scully. — Depois de se alimentarem, precisam livrar-se dos dejetos. Esses desejos se misturam com os sucos que eles produzem, então espirram tudo para fora. Ao atingir o ar, a mistura produz o clarão, e se transforma em fibra cinzenta e gordurosa.

— A julgar pelo tamanho do casulo que encontramos, esses diabinhos são extraordinariamente famintos — disse Moore. — Precisam sugar cada gota de seiva das suas presas.

— Se você ficasse vários séculos sem comer, sem dúvida ficaria com muita fome também — observou Mulder.

— Sim. Estão recuperando o tempo perdido — disse Moore.

Scully estava curiosa:

— Gostaria de saber quantos eles são.

— Impossível dizer — afirmou Mulder. — Mas diria que somam vários milhões. Seriam necessários milhões deles para acabar com trinta lenhadores. O problema é que talvez não seja esta a pior notícia.

— E qual seria a pior notícia? — perguntou Scully.

— Tenho a impressão de que eles se multiplicam a cada minuto que passa — respondeu Mulder. — Quanto mais comem, mais rápido se multiplicam. Quando encontraram aqueles trinta lenhadores, seu número deve ter crescido extraordinariamente. Foi um festim para eles, e aquela

comida toda deve ter causado uma verdadeira explosão populacional. Os insetos são assim mesmo. E por isso que são muito mais numerosos do que nós.

— Mas eles nunca haviam comido seres humanos antes — disse Scully.

— Sempre há uma primeira vez para tudo — disse Mulder.

— E isso poderia representar o fim da vida humana — observou Scully, com uma expressão austera. — Muitas outras espécies já desapareceram no passado: os dinossauros, os mastodontes, etc. E ainda nem se sabe por quê. Mas sabemos das erupções vulcânicas que ocorreram e perturbaram a Terra inteira. Talvez tivessem causado uma praga como a que estes insetos estão causando. E agora poderíamos ser nós as vítimas.

— Também sabemos que muitos meteoritos caíram do espaço e atingiram a Terra — acrescentou Mulder. — Poderiam ter trazido consigo estas formas de vida tão ameaçadoras.

— Seja qual for a origem destes minúsculos insetos — disse Scully —, não há dúvida de que são uma séria ameaça à vida humana.

— Não tenho dúvida de que são uma ameaça às nossas vidas — disse Moore.

Naquele instante, a luz elétrica começou a piscar. Lá fora, o motor do gerador falhava cada vez mais.

— Oh, meu Deus! — exclamou Scully, com os punhos cerrados. Gotas de suor frio brotavam e escorriam de sua pele. Em sua mente se formou uma imagem dos insetos avançando sobre eles, cobrindo seus corpos, sugando sua seiva vital.

De repente a luz se firmou e o motor do gerador também parou de falhar.

Scully limpou o suor que lhe corria da testa.

— Talvez consigamos continuar vivos até o amanhecer do dia — disse Mulder.

— Talvez — disse Moore.

— Sim, mas e daí? — perguntou Scully. — Teríamos de andar mais de um dia até podermos sair da floresta. Jamais conseguiríamos voltar à civilização antes do anoitecer. A esta altura dos acontecimentos, os insetos assassinos devem ter tomado conta da floresta inteira, e estão procurando por comida. Se nos encontrarem lá fora, depois de escurecer, estaremos mortos.

— Quem sabe alguém tenha ouvido o nosso pedido de SOS pelo rádio — disse Mulder. — E pode ser que esteja a caminho daqui.

— Você transmitiu a mensagem há muitas horas — disse Scully. — Já teriam chegado para nos ajudar.

— Tem razão — concordou Moore. — O Serviço Florestal tem helicópteros, assim como a companhia madeireira.

— Pois eu ainda não desisti de esperar por Spinney — insistiu Mulder. — Ele me deu sua palavra de que voltaria para nos socorrer.

— Spinney fala uma coisa — disse Moore —, mas o que ele faz é bem diferente do que diz. Venho brincando de esconde-esconde com esse sujeito há muitos anos. Já li as palavras bonitas que ele manda imprimir nos panfletos que distribui. E também vi os horríveis estragos que ele causa. Não vou acreditar em nada do que ele lhe disse, tampouco vou apostar minha vida nas palavras dele.

— Moore tem razão, Mulder — concordou Scully —, Spinney não é exatamente um modelo de boa conduta. Não podemos ficar dependendo dele, temos de pensar no que fazer, caso ele não apareça.

— Tampouco podemos ficar sentados aqui, à espera de que ele volte — disse Moore. — Cada minuto de luz do dia é muito precioso.

— Tem alguma idéia? — Scully perguntou a Mulder.

— Não se preocupe — disse ele. — Acabaremos encontrando uma saída, como sempre.

— Quando? — perguntou ela.

— Quando chegar a hora — respondeu Mulder.

Moore olhou o relógio e disse:

— O tempo continua correndo.

— E os insetos vão ficando cada vez mais famintos — disse Scully.

— E ainda faltam horas para a chegada da aurora — disse Mulder, bocejando. — Não sei qual é a de vocês, mas estou precisando tirar uma soneca.

— Boa idéia — disse Moore. — Vamos precisar estar muito bem descansados quando amanhecer, porque vamos enfrentar decisões bastante difíceis, vitais mesmo.

— Se ainda estivermos vivos quando amanhecer — acrescentou Scully.

— Bom, então durmam bem — disse Mulder, a caminho do seu beliche.

— Bem que eu preciso mesmo — concordou Mulder ao se deitar.

Scully também se deitou, mas não conseguiu fechar os olhos. Mulder chegava a exagerar, para demonstrar toda aquela frieza. Mas ela estava gelada era de medo. Não sabia se algum dia voltaria a dormir.

Fixou o olhar na lâmpada acesa, dizendo a si mesma que estaria em segurança enquanto a luz permanecesse daquele jeito. A lâmpada era como um barco salva-vidas num mar tão escuro quanto a noite.

Ela deixou a mente vagar, tentando não pensar nos insetos, no casulo, no horrível cadáver encolhido.

Aí, tudo ficou escuro.

Ela abriu a boca para gritar.

Mas se deu conta de que eram seus olhos que estavam

fechados. Havia cochilado um pouco.

Abriu os olhos e viu que a luz ainda estava acesa, porém fraca.

Uma luz mais forte entrava pelas extremidades dos encerados de plástico preto que cobriam as janelas.

O dia havia amanhecido,
ma hora mais tarde, o dia não estava muito mais claro.

Capítulo 15

Uma densa neblina cobria toda a floresta, e tardaria ainda uma hora ou mais para que o sol penetrasse naquela cortina branca.

Moore não queria esperar. Olhou para o relógio e disse:

— Pra mim chega. Spinney não vai mesmo aparecer. Teremos de nos virar sozinhos — e dirigiu-se a Mulder. — Foi você quem nos meteu nesta encrenca, senhor FBI. E agora? Tem mais alguma idéia brilhante sobre como vamos sair dela?

— Estive pensando — disse Mulder.

Moore fez uma expressão sarcástica.

— Não diga!

— Quero dar uma olhadinha naquele caminhão — disse Mulder, com toda a calma. — Aquele do qual ele tirou a bateria.

— E de que adiantaria isso? — perguntou Moore. — Está todo quebrado. Tem açúcar no tanque de gasolina, a bateria foi arrancada e os pneus estão cortados.

— Vamos dar só uma olhadinha — repetiu Mulder.

E foi andando na direção do caminhão, com Scully e Moore seguindo-o. Deu a volta em torno do veículo, ajoelhando para olhar bem atrás de cada uma das rodas. Estava examinando os pneus.

— Este é o melhor de todos — apontando para a roda dianteira direita. — Está praticamente novo. A banda de rodagem ainda está intacta e o corte não é muito fundo. A câmara nem rasgou.

— É — disse Moore. — Os Chaves de Cano não fizeram o seu trabalho direito. Talvez já estivessem cansados quando chegaram a este caminhão.

— Tem um reparo de emergência na sua camionete? — perguntou Mulder.

— Sim — respondeu Moore. — Ainda deve estar lá. Ninguém mexeu, não adiantava nem tentar. Os pneus ficaram completamente rasgados. Aquelas barras de ferro com pontas acabaram com eles.

— Então poderíamos usar o reparo para consertar *este* pneu — disse Mulder. — E aí tirar um dos seus pneus e colocar este no lugar. O outro nós substituiríamos pelo estepe. Talvez não ficasse perfeito, mas poderia ser suficientemente bom para sairmos da floresta com a camionete, a tempo de nos livrarmos do perigo antes do cair da noite.

— Ei, pode dar certo! — disse Scully.

— E se não der — continuou Mulder, com uma expressão severa — pelo menos poderemos usar o aparelho de rádio-comunicação da camionete, para avisar as pessoas de fora da floresta sobre o perigo que existe aqui e salvá-las, para que não passem pelo que estamos passando.

— Certo! — exclamou Scully. — Evitar que eles sejam a próxima refeição dos insetos assassinos.

— É melhor do que ficar esperando aqui — disse Moore. — Duvido que o gerador seja capaz de agüentar mais uma noite.

— Vamos rodar — disse Mulder. — Digo, rodar o pneu.

Poderemos cortar caminho pela floresta, porque é muito mais curto do que seguir pela estrada, que vai serpenteando montanha abaixo. Chegaremos ao caminhão mais rapidamente.

— E é melhor andarmos depressa — disse Moore. — Não temos tempo a perder.

Mulder entrou na cabine do caminhão e saiu trazendo um macaco e uma chave de rodas.

Alguns minutos depois, a roda tinha sido removida do eixo dianteiro do caminhão. Mulder começou a correr no meio da neblina, rodando o pneu na sua frente.

Scully corria logo atrás.

— Brrrr! — disse ela. — Parece uma terra de fantasmas.

Ao redor deles as árvores se erguiam como gigantes sombrios. A neblina acompanhava as curvas da trilha que tinham pela frente, mas, ao mesmo tempo em que corriam, a névoa começava a se dissipar.

Quando chegou a vez de Moore empurrar o pneu, o sol já conseguira romper a densa camada de neblina. O cansaço os havia forçado a diminuir a velocidade, de corrida para um andar apressado.

— Gostaria que não fosse necessário andar tão depressa — disse Scully. — Esta floresta é linda. Faz a gente se sentir bem por estar viva. Seria delicioso andar por aqui a passeio. Mas talvez numa outra ocasião, quando os nossos minúsculos amigos tiverem ido embora. Se é que jamais irão embora um dia.

Scully olhou admirada para as gigantescas árvores centenárias. Através do verde escuro das folhas finas dos pinheiros, o céu tinha um azul profundo.

— E a terra de Deus — concordou Moore. — Sempre amei este lugar, desde que era criança. Não consigo pensar em nada melhor do que fazer meus filhos crescerem amando este lugar também. Para mim, o trabalho no Serviço Florestal é a coisa mais importante que há. Não consigo conceber a

idéia de trabalhar apenas em troca de dinheiro. É preciso trabalhar por algo mais importante do que o cheque do pagamento.

— E engraçado ouvir isso de você — disse Scully. — Até parece que está do lado do Spinney. Sabe, a idéia de salvar a floresta e tudo o mais. No entanto, o seu amigo é Humphreys, que derruba árvores, e não Spinney. Ei, agora é minha vez de empurrar esse pneu.

Moore deixou que ela o fizesse, sem parar de caminhar. E disse:

— Humphreys e eu estamos do mesmo lado da lei. Spinney é do tipo que gosta de tomar a lei em suas próprias mãos. Não é assim que gostamos de fazer as coisas nesta região.

— Vamos tentar correr mais um pouco — sugeriu Scully. — A trilha está bem mais larga, e podemos correr um ao lado do outro.

— Boa idéia — disse Moore. — Ainda há um bom caminho a percorrer. Se não nos apressarmos, vamos ter muito pouco tempo para trabalhar antes do anoitecer.

— Mas estamos indo bastante bem — disse Mulder, consultando o relógio. — Deveremos chegar ao caminhão no final da tarde. Aí, se não houver nenhum problema... Bem, atravessaremos a ponte quando chegarmos ao rio.

Quando começaram a correr de novo, Scully perguntou a Moore:

— Apesar de tudo, você acha que Spinney é o único que abusa da lei por aqui? Parece-me que Humphreys também não é nenhum anjinho de candura.

— Eu não gosto de pensar assim a respeito dele — disse Moore. — Faz muitos anos que conheço Steve. Jogamos golfe e tênis juntos. Nossas famílias fazem churrasco juntas durante o verão. Sempre achei que podia confiar nele como se confia em um irmão.

— Este é o maior problema de quem trabalha em instituições de caráter policial — disse Mulder, correndo ao lado de Moore. — Não devemos nos tornar muito íntimos, especialmente de pessoas que talvez tenhamos de colocar atrás das grades.

— E triste, mas é verdade — concordou Scully. — Nosso trabalho nos isola das demais pessoas. Não podemos confiar em ninguém, a não ser nas pessoas com as quais trabalhamos. Muitas vezes é uma vida um tanto solitária, por isso é necessário gostar e acreditar muito no trabalho que realizamos.

— É preciso acreditar mesmo! — concordou Mulder.

— Exatamente como faz Mulder — disse Scully. — Não é mesmo, parceiro?

Eles trocaram sorrisos. Era uma brincadeira particular.

A expressão de Moore permaneceu fechada. Limpou o suor que lhe corria da testa, pois estava ficando muito quente, enquanto o sol subia no céu, com seu brilho no meio das copas das árvores.

— Talvez o companheirismo excessivo possa ter confundido meu julgamento a respeito de Humphreys — admitiu Moore. — Pode ser que eu não tenha percebido as coisas com a devida clareza, e talvez não tenha mantido os olhos suficientemente abertos. Quando me encontrar com ele de novo, vou insistir para que me conte toda a verdade, amigo ou não.

Scully parou de repente.

— Cansada? — perguntou Moore.

— Podemos descansar um pouco, se você quiser — emendou Mulder.

— Não é isso — disse Scully. — Um pensamento maluco acaba de me passar pela cabeça. Humphreys saiu do acampamento para ir até a camionete. Será que ele não conseguiu levar o veículo embora, dirigindo com os pneus

rasgados? E se a gente chegar lá e a camionete não estiver onde a deixamos? O que vamos fazer com os insetos?

— Esse mesmo pensamento já me passou pela cabeça — confessou Mulder. — Mas achei que não adiantaria coisa alguma ficar preocupado com essa possibilidade. Se ficássemos no acampamento, nossas probabilidades de sobrevivência seriam nulas. Deste modo, pelo menos temos uma chance.

Scully não se preocupou em perguntar que chance era aquela, pois Mulder já deixara as coisas bem claras: era melhor do que nada. Pouco melhor do que nada.

— Vamos! — decidiu ela, empurrando o pneu. — Quem chegar por último é um ovo podre.

Continuaram avançando floresta adentro, em silêncio. Em silêncio eles voltaram a diminuir a velocidade, de corrida para um passo apressado, quando a trilha voltou a ficar estreita. Em silêncio iam passando o pneu, de um para o outro. Já não tinham nada mais a dizer. Estavam ocupados demais, os três pensando a mesma coisa.

Era o final da tarde quando chegaram à rodovia.

Scully manifestou o alívio que todos eles sentiam.

— Graças a Deus! — exclamou ela. — Ali está a camionete. Ainda bem que a encontramos onde a deixamos.

Capítulo 16

Era engraçado como as coisas mudavam de um instante para o outro. Com a mesma rapidez com que alguém puxa o tapete debaixo dos nossos pés, num instante ela se viu coberta de felicidade por terem encontrado a camionete.

No instante seguinte, a verdade desabava sobre ela. Era como se tivesse levado um soco no queixo.

— A camionete... — disse ela — bateu contra uma árvore.

Moore já tinha visto. Foi o primeiro a sair correndo na direção do veículo, chegando apenas alguns passos na frente dos outros dois. A primeira coisa que fez foi olhar dentro da cabine.

Virou para trás e disse a Scully:

— É melhor não olhar, moça.

— Não se preocupe. Já estou acostumada a... — começou ela a dizer.

Mas, quando olhou, não conseguiu terminar a frase.

Seu queixo caiu.

Ela viu o rosto de Humphreys colado à parte de dentro do vidro da janela. Pelo menos uma parte do seu rosto,

retorcido em conseqüência de uma dor insuportável.

Todo o restante do seu rosto, sua cabeça, seu corpo inteiro, estavam envolvidos por um casulo cinzento, sujo, que tomava conta de toda a cabine da camionete.

Scully virou para o outro lado, não queria que os outros vissem seu rosto adquirir uma tonalidade esverdeada de enjôo. Queria manter a reputação de ser uma agente que sempre mantinha o seu autocontrole.

Não precisava se preocupar com isso. Moore e Mulder também estavam pálidos e pareciam igualmente enjoados.

Mulder foi o primeiro a se recuperar.

—Humphreys bem que tentou... mas parece que morreu na praia — disse ele.

—Pobre diabo — lamentou Moore. — No fundo era um bom sujeito. Talvez um pouco leal demais à companhia madeireira. Seja lá o que fosse que tenha feito, por certo não merecia ter um fim assim.

—Acho que ninguém merece isso — disse Mulder. — Mas, quando a gente abusa da natureza, a justiça é cega e implacável. E todo o mundo acaba sendo punido.

— Isso mesmo, todo o mundo — repetiu Scully, que já não sentia náuseas. Mas ainda não se sentia completamente segura, especialmente quando olhava para o ocidente. — Puxa, mas o sol se põe cedo demais por estas bandas! — observou. No céu distante, o sol pairava pouco acima do horizonte, brilhando intensamente sobre a linha ondulante das montanhas — Parece que a nossa hora está chegando — comentou ela com tristeza.

Moore balançou a cabeça e disse:

—E não temos para onde correr.

— Nem lugar para nos escondermos—acrescentou Mulder.

Mas o rosto de Scully se iluminou quando ela disse:

— Talvez possamos nos refugiar na camionete — mas, logo em seguida, balançou a cabeça, acrescentando: — Péssima

idéia. A camionete está cheia de insetos. Assim que escurecer eles vão voltar à vida e começar a procurar pelo jantar.

— Eu tenho uma lanterna — disse Moore. — Talvez possamos usá-la contra os insetos.

Dessa vez foi Mulder quem balançou a cabeça.

— E melhor nem pensar nessa possibilidade — disse ele. — Haveria muita sombra para eles se reorganizarem para o contra-ataque, e ficaríamos presos num espaço limitado, sem chance alguma de escapar deles. Acabaríamos do mesmo jeito que Humphreys, com a cara esmagada contra o vidro da janela. Acho melhor correr qualquer risco no espaço aberto, sem nada para tolher os nossos movimentos.

— Na verdade não importa muito — disse Scully. — O resultado final será o mesmo. Vai ser preciso um verdadeiro milagre para nos safarmos desta.

Ninguém duvidava.

Ficaram os três ali parados, olhando para o sol que se escondia por detrás da floresta

Foi quando ouviram um barulho distante.

Um som milagroso.

Vinha da parte mais alta da rodovia, lá de cima das montanhas.

O som foi ficando mais claro.

— É um carro — disse Moore. — Mas, quem...?

— Acho que sei quem é — interrompeu Mulder, rindo. — E me parece que é um Jipe.

Alguns minutos depois eles viram o Jipe, que vinha a toda velocidade, na direção deles, com Spinney na direção, a toda velocidade.

Pisou fundo no pedal do freio quando chegou perto deles e o Jipe parou cantando pneus.

Ele não perdeu tempo com muitas palavras.

— Temos de cair fora daqui depressa, pessoal — disse.

— Perdi metade do meu tempo procurando por vocês no acampamento. Subam de uma vez!

— Ei, espere! Temos um corpo aqui! — protestou Moore.

— E o corpo do Humphreys. — Apontava na direção da camionete. — Não podemos deixá-lo aqui. Ele tem mulher e filhos. Vão querer que ele tenha um enterro decente.

— Nós é que vamos precisar de enterro se não cairmos fora agora mesmo! — respondeu Spinney, com a voz rouca pela impaciência.

Mas ele notou o desespero que tomava conta do olhar de Moore. Sabia que Humphreys e Moore haviam sido amigos durante muitos anos. Olhou para a camionete. Era fácil imaginar o que tinha acontecido com Humphreys, pois ele próprio tinha visto a mesma coisa acontecer com seu melhor amigo, Teague.

— Não se preocupe com Humphreys — disse Spinney, agora falando em um tom de voz bastante amável. — Eu tinha um aparelho de rádio-comunicação no meu acampamento, e mandei um pedido de socorro antes de sair de lá. O pessoal vai vir logo para ajudar, e o corpo de Humphreys será levado. Mas, pelo bem da família dele, espero que o caixão fique lacrado.

Moore balançou a cabeça, em sinal de aprovação. Deu uma última olhada para o lado da camionete e foi apanhar suas coisas. Ele e os outros atiraram tudo para dentro do Jipe. Então, Moore sentou-se ao lado de Spinney e Scully e Mulder subiram na parte detrás.

Mal haviam entrado quando Spinney arrancou, pisando fundo no acelerador.

O Jipe disparou pela estrada revestida de cascalho, saltando como um potro selvagem.

Mulder fez uma pergunta a Spinney, gritando por causa do barulho do motor:

— E seus amigos? Você os encontrou ou não?

Spinney continuou com os olhos pregados na estrada a toda velocidade:

— Sim, eu os encontrei! — gritou ele. — Não conseguiram escapar! Mas nós escaparemos, com a ajuda de Deus!

Scully olhou para a floresta, que passava rápida, dos dois lados do veículo, já coberta pelo manto da escuridão. As longas sombras das árvores emolduravam a estrada, quando a metade inferior do anel vermelho do sol já havia desaparecido por trás das montanhas, que se recortavam negras como piche, contra o céu.

Ela percebeu que Spinney tinha ligado os faróis do Jipe, e abriu a boca para gritar uma pergunta que lhe queria fazer: seriam capazes de sair dali a tempo?

Resolveu fechar a boca sem dizer coisa alguma. Uma pergunta daquelas não fazia sentido.

De repente, ouviu-se um barulho bastante alto, uma explosão que sufocou o ronco forte do motor.

O Jipe sacudiu como se tivesse atingido uma valeta.

E começou a dançar de um lado para o outro.

— Não, não! Não pode ser! — reclamou Spinney.

Desesperadamente ele lutou contra o volante, num esforço para evitar que o veículo saísse da estrada. Conseguiu a muito custo controlar o Jipe, e foi diminuindo a marcha, até parar.

Desceu, levando consigo uma lanterna. Já precisava dela, mesmo ainda havendo um pequenino clarão avermelhado no ocidente. A noite já tomava conta de todas as outras direções.

Spinney dirigiu o facho da lanterna para a roda dianteira do lado direito, e balançou lentamente a cabeça.

Mulder virou-se para Scully, no banco detrás, e disse:

— Aposto cinco meus contra dez dos seus que o pneu foi cortado em pedaços.

— Eu aposto os meus dez como sei o que foi que causou o estouro — respondeu ela.

— Foi o melhor amigo de um Chave de Cano: o ferro com pontas afiadas — disse Mulder.

De dentro do Jipe, dava para ler nos lábios o resmungo de Spinney:

— Esse maldito pneu já era!

— Isso é que eu chamo de feitiço contra o feiticeiro — disse Moore. E arrematou: — Por esta ele vai pagar, nem que seja a última coisa que eu faça, ele vai me pagar!

Abriu a porta do Jipe e desceu, na escuridão da noite.

— Não! — gritou Mulder, com toda a força dos seus pulmões — Volte para dentro! E feche a porta, depressa!

Moore parou, confuso.

— Volte para dentro! — insistiu Mulder.

— Por favor! — implorou Scully.

— O quê...? — começou Moore a reclamar. Mas parou, boquiaberto como um peixe fora d'água.

Tinha ouvido Spinney gritar. Voltou-se e viu o que Mulder e Scully já tinham visto.

Spinney estava coberto por um clarão verde.

Os insetos tinham farejado a sua comida.

Tinham formado uma nuvem.

E tinham atacado.

Moore ficou parado, em estado de choque.

Mulder agiu rápido.

Abriu a porta de um golpe, saltou de dentro do Jipe e rapidamente empurrou Moore para dentro, de volta ao banco da frente, fechando a porta daquele lado. Deu a volta por trás do Jipe e bateu a porta do lado do motorista, só então entrou pela parte detrás, para sentar-se ao lado de Scully, fechando cuidadosamente a porta atrás de si.

— Mas, o Spinney... — disse Scully.

— Tarde demais, já era — respondeu Mulder, ofegante, enquanto olhavam para o lado de fora.

A lanterna de Spinney estava caída no chão, ainda acesa.

Seus braços debatiam-se desesperadamente, enquanto ele corria para longe do Jipe, levando consigo o enxame do clarão verde.

Adiante do veículo, além da luz dos faróis, Scully viu o clarão verde, que ficou parado no ar durante alguns minutos, para depois ficar maior, cada vez maior, aproximando-se de novo.

— Os insetos terminaram o seu aperitivo — brincou Mulder. — Agora estão voltando para o prato principal.

Capítulo 17

A luz estava quase cegando Mulder. Ele piscou, tentando concentrar-se nela, tentando pensar. Seu primeiro pensamento foi: a luz não é verde. Seu pensamento seguinte: é a luz do dia. Aí ele viu que os olhos que o observavam de cima, estavam protegidos por um plástico transparente. O homem curvado sobre ele estava usando uma roupa protetora branca, que o cobria dos pés à cabeça, como as dos astronautas. Cada centímetro do seu corpo estava coberto, protegido da possibilidade de contaminação.

As mãos protegidas por grandes luvas ergueram Mulder de dentro do Jipe, quando ele pôde observar outros homens em roupas semelhantes. Ali perto estavam os três grandes furgões brancos que os haviam trazido até aquele lugar.

— Graças a Deus que você está vivo — disse o homem. — Quando eu tirei aquela coisa do seu rosto, prendi a respiração até que seus olhos se abriram. Que diabo aconteceu aqui?

— E uma longa história — disse Mulder.

— Recebemos a notícia através de um chamado de emergência pelo rádio — informou o homem —, de um sujeito chamado Spinney. Ele disse alguma coisa sobre insetos, insetos letais. Por acaso ainda está por aqui? Talvez nos possa dar mais informações.

— Infelizmente não — disse Mulder. Lembrou-se da última vez que vira Spinney, gritando e correndo no meio da escuridão. — Vão encontrar o que resta dele ali na estrada.

Mulder fechou os olhos, tentando lembrar-se de tudo o que havia acontecido.

Viu-se de novo com os outros dois, dentro do Jipe. Moore no banco da frente, ele e Scully atrás.

Durante alguns minutos, depois do ataque a Spinney, pensaram que estavam em segurança.

Então, os insetos da luz verde tinham começado a invadir o veículo, pelas entradas de ar do painel.

Tinham atacado Moore primeiro. Sem poder fazer coisa alguma, ele e Scully tinham ficado observando, enquanto os insetos se entregavam ao festim macabro.

Então, alguns dos minúsculos insetos tinham se separado da nuvem e voado para a parte detrás. Mulder lembrou-se das primeiras ferroadas de dor, quando os insetos haviam atingido sua pele, e lembrou-se dos pavorosos gritos de agonia de Scully, explodindo em seus ouvidos.

Mas por que ele ainda estaria vivo? Mulder não se lembrava. Por que os insetos não teriam sugado a vida de dentro dele também?

Não se lembrava mesmo. Tinha desmaiado quando a dor se tornara insuportável.

Teria a força destruidora do enxame sido reduzida, ao encontrarem três vítimas para atacar ao mesmo tempo?

Teria o apetite deles diminuído depois de atacarem Spinney, Moore e...

Os olhos dele se arregalaram.

— Esperem! Tem mais alguém no banco detrás! Minha parceira, agente Scully — ele reclamou. Estava fraco demais para se mover, mal conseguia virar a cabeça. Só conseguiu perguntar: — Por favor, diga: ela ainda está viva?

— Eu não a vi — respondeu o homem. — Mas talvez não a tenha encontrado. Mal consegui ver você. Quando o achei tratei de tirá-lo logo dali. A parte de dentro do Jipe está coberta por um tipo estranho de fibra, quase como um casulo. Sem falar na graxa fina e amolecida que se esparrama sobre tudo.

Mulder ouviu uma voz gritando:

— Ei! Encontramos mais dois. Estou procurando por sinais de vida.

Uma segunda voz disse:

— Acho que vi um movimento, no rosto deste aqui. Talvez esteja respirando com a boca, ou está tentando falar.

A primeira voz disse:

— Vamos tirar esta tela suja daqui.

Um instante depois, a segunda voz disse:

— É uma mulher!

— Está viva? — gritou o homem que estava ao lado de Mulder.

— Afirmativo — respondeu a segunda voz. — Mas não sei se vai durar muito.

Então Mulder ouviu outra voz. Devia estar falando no microfone de um aparelho de rádio-comunicação:

— Temos uma situação de evacuação de emergência. Solicitamos a presença de um helicóptero com urgência. E também o preparo para uma quarentena. Temos pelo menos duas vítimas de uma infecção ainda não identificada, ou de exposição a algum tipo de agente biológico desconhecido. Estas vítimas devem ser removidas com o máximo de cuidado. Também requisitamos total sigilo destas

informações. Possibilidade de risco de epidemia letal e extremo perigo de pânico generalizado.

"Vamos ver até que ponto a ciência médica tem utilidade", pensou Mulder consigo mesmo, antes de desmaiar de novo.

— Quem é você? — perguntou Mulder ao homem de roupas brancas curvado sobre sua cama.

— Doutor Simmons, do Centro de Moléstias Infecciosas, de Atlanta — respondeu o homem. — Trouxeram-me até aqui para cuidar do seu caso, três dias atrás.

— E onde estou? — perguntou Mulder.

— Hospital Hyman Rickover, da Marinha, em Seattle, Washington — respondeu Simmons, acrescentando: — Pode continuar conversando. Parece que já está forte o bastante, no entanto é melhor continuar respirando pelo tubo de oxigênio que colocamos nas suas narinas.

Mulder inspirou fundo uma golfada de oxigênio e olhou ao seu redor, e disse:

— Parece que estou em uma ala especial do hospital.

— Uma ala muito especial — disse Simmons. — O seu é um caso muito especial.

A cama de Mulder estava dentro de uma tenda de plástico transparente. Enfermeiros em trajes brancos pareciam montar guarda na entrada do quarto. Outros faziam anotações, ao lado do equipamento eletrônico de alta tecnologia. Mulder olhou para o lado e viu duas outras camas ao lado da sua. Dava para entender. Os médicos tinham três casos muito especiais para investigar.

— Como está se sentindo? — perguntou Simmons.

— Acho que vou sobreviver — respondeu Mulder. — Mas o senhor deve saber mais do que eu. Já tem algum resultado dos exames que fizeram comigo?

— Os registros de sua respiração são muito bons. Essa

era nossa preocupação principal. Temíamos que tivesse respirado algum material perigoso. Felizmente o que encontramos não era tão perigoso assim.

— O que foi que encontraram? — perguntou Mulder.

— Uma boa quantidade de um agente químico chamado *luciferina*¹², explicou Simmons.

— E o que é isso?

— É o mesmo tipo de enzima encontrado em vaga-lumes e insetos semelhantes. Nossos especialistas estão tentando determinar qual foi exatamente a espécie que vocês enfrentaram. Mas, até agora, nada.

— E como estão os outros, Scully e Moore?

— Moore está por um fio — respondeu Simmons. — É um caso muito delicado. A ciência médica não pode fazer muito, quando se trata de lutar contra o desconhecido.

— E Scully?

— Como eu já disse, é muito difícil poder dar uma informação precisa... — começou Simmons.

— Eu poderia vê-la? — pediu Mulder.

O médico hesitou por um momento, depois disse:

— Não vejo por que não. Mas continue respirando pelo nariz, para inalar o oxigênio.

Mulder desceu da cama bem devagar, com o tubo de plástico ainda no nariz e ligado ao oxigênio que ficava num carrinho. Ele foi empurrando o carrinho e seguindo Simmons, até a cama de Scully.

Olhou bem para ela.

Estava deitada, imóvel, como se estivesse morta.

Só o movimento ritmado do peito, para cima e para baixo, mostrava que ainda respirava. A pele estava toda manchada

12. Luciferina: Substância que, em presença da água, do oxigênio e da enzima luciferase se oxida em oxiluciferina, com liberação de energia luminosa. Provém de secreções glandulares de alguns peixes, animais, peixes abissais e insetos. A luz emitida é fria e de espectro curto, do azul ao amarelo.

de pontos vermelhos, conseqüência de centenas de picadas. O rosto estava inchado, irreconhecível.

— Scully? — chamou ele, baixinho.

— Ela ainda não está de todo consciente — informou o médico. — Perdeu bastante sangue. Se houvesse um pouco mais daqueles insetos, ou se eles tivessem tido um pouco mais de tempo, ela não teria resistido. Nas condições atuais... — Simmons fez uma pausa, depois continuou: — Vamos fazer tudo o que for possível, mas não podemos dar qualquer tipo de garantia, em um caso estranho como este.

— E eu lhe disse que íamos fazer um bonito passeio pela floresta... — disse Mulder.

A dor que ele sentia naquele momento não era resultado das picadas dos insetos, mas machucava do mesmo jeito. Tinha sido atacado pelo remorso.

— Você não poderia ter adivinhado — disse o médico, procurando confortá-lo. — Ninguém poderia ter adivinhado. É um fenômeno dos mais extraordinários.

— De fato. Um caso perfeito para o Arquivo X — disse Mulder, quase falando consigo mesmo. Então ele perguntou ao médico: — Como é que vocês pretendem isolar a floresta? E se o enxame migrar para outra região?

— O governo deu prioridade total para este caso — informou Simmons. — Estão sendo empregadas todas as técnicas disponíveis de controle de insetos, todo o arsenal de agentes químicos e inseticidas que conhecemos. Além disso, foi organizado um cuidadoso controle de queima controlada de algumas partes da floresta. Os técnicos têm certeza de que serão bem-sucedidos.

Mulder não conseguiu esconder um sorriso amarelo. O corpo de Spinney devia estar virando no túmulo...

E não resistiu a mais uma pergunta:

— E se todos os esforços dos técnicos do governo derem em nada?

— É melhor nem pensar nesta possibilidade, Agente Mulder — disse Simmons. — Eles não vão falhar. Isto seria impossível, e totalmente impensável.

O médico virou-se e saiu do quarto.

Mulder suspirou fundo.

É sempre o mesmo o comportamento das pessoas que ocupam cargos de responsabilidade.

Não admitem ao menos considerar as perguntas cujas respostas são perturbadoras.

Não gostam de pensar no impensável.

Mulder olhou para sua parceira.

— É melhor você se recuperar — disse ele. — Vou precisar de toda ajuda que puder conseguir.

Talvez estivesse louco, mas teve a clara impressão de tê-la visto balançar levemente a cabeça.

Teria de esperar para ver.